

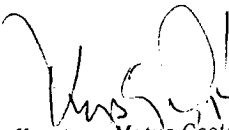
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

**SERVIÇO SOCIAL E AS AÇÕES SÓCIO EDUCATIVAS:
um caminho, muitos sonhos**

CRISTIANE DOS SANTOS FABRÍCIO

FLORIANÓPOLIS

ABRIL 2002


Prof.^a Krystyna Matys Costa
Chefe do Depto. de Serviço Social
CSE/UFSC

*Defendida em
30/04/02*

CRISTIANE DOS SANTOS FABRÍCIO

**SERVIÇO SOCIAL E AS AÇÕES SÓCIO EDUCATIVAS:
um caminho, muitos sonhos**

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado ao
Departamento de Serviço Social da Universidade
Federal de Santa Catarina para Obtenção Do Título
de Assistente Social.

Professora Orientadora: Regina Célia Tamasso Mioto

FLORIANÓPOLIS
ABRIL 2002

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE DA BANCA
PROFª REGINA CÉLIA TAMASO MIOTO

1ª EXAMINADORA
ASSISTENTE SOCIAL ELIETE MARIA DE LIMA

2ª EXAMINADOR
EDUCADOR POPULAR:
MESTRANDO DONIZETE JOSÉ DE LIMA

AGRADECIMENTOS

Às famílias que participam do Projeto Tecendo Vida, pelo carinho e a confiança com que me receberam e pela permissão de compartilhar seu cotidiano e, num processo sócio educativo, trocar experiências, possibilitando crescermos juntos.

À professora Regina Célia Tamaso Miotto, pela dedicação, compreensão e paciência com que orientou na elaboração deste trabalho, “pois nestes quatro anos fostes como uma mãe amada e exigente me conduzindo. Fostes o porto seguro diante da tempestade, muito obrigada”!

Aos demais professores e funcionários do departamento de Serviço Social, em especial às professoras Graça e Rosana Martinelli, pelo exemplo e a forma com que dirigiram a minha formação acadêmica.

Aos membros do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes, em especial à Supervisora de Estágio Eliete Maria de Lima, pela postura ética e o compromisso que sempre demonstrou ao conduzir a minha formação profissional, pela amizade, a força e o carinho com que sempre me tratou.

À Francisca das Chagas dos Santos (Fran) e a Donizete José de Lima (Dodô), pelo companheirismo, apoio e a coerência que tantas vezes me ajudaram a ampliar e modificar a minha visão de mundo.

À minha família, que sempre acreditou na minha força, coragem e decisão de seguir os caminhos que escolhi. Especialmente a minha irmã Joice Fabrício, que nos momentos, que por vezes, pensei em desistir me lembrou de tantas lutas por mim já vencidas, assim me levando a seguir em frente.

À Marco Antonio, meu amado companheiro, pelo incentivo, o amparo, a compreensão e o amor que me dedica no dia a dia!

À todos os amigos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação pessoal e profissional. Companheiros com que partilhei minhas angústias, meus anseios e minhas alegrias, especialmente à: Pedrolina, Larissa, Mara, Iara, Luiza, D.Odete, S. Hamilton, Grasiela, Carla, Giovana e Marlene, que estiveram presentes em diferentes momentos da minha vida me apoiando, questionando minhas visões de mundo, indicando os caminhos, buscando estender a mão e me proporcionado sincera amizade.

Enfim uma das mais belas formas de amar a Deus é através de vocês, obrigada por existirem, por possibilitarem que esse amor, qual chama ardente, seja sustentado pelo calor humano e assim se revigore a cada dia!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1.1 EXPOSIÇÃO DO TEMA	08
1.2 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	09

O SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

2.1 RETROSPECTIVA HISTÓRICA	12
2.2 MOVIMENTO DE RECONCEITUAÇÃO	14
2.3 SERVIÇO SOCIAL & PROCESSO DE TRABALHO	17

O SERVIÇO SOCIAL E O CENTRO DE ATIVIDADES COMUNITÁRIAS CHICO MENDES

3.1 SERVIÇO SOCIAL E CENTRO DE ATIVIDADES	31
3.2 HISTÓRIA DE ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA DAS COMUNIDADES NOVO HORIZONTE, NOSSA SENHORA DA GLÓRIA E CHICO MENDES.	32
3.3 PROCESSO DE TRABALHO DO SERVIÇO SOCIAL NO CENTRO DE ATIVIDADES COMUNITÁRIAS CHICO MENDES	35
3.4 FAMÍLIAS	39
3.5 POLÍTICAS SOCIAIS	42
3.6 DIREITO E CIDADANIA	47

O PROCESSO DE TRABALHO EM MOVIMENTO

4.1 ABORDAGEM DAS FAMÍLIAS	51
4.2 CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO GRUPAL.....	52
4.3 VIVENDO E AVALIANDO O GRUPO VIVÊNCIA.....	54
4.4 VIVENDO E AVALIANDO O GRUPO ESPERANÇA.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
6 FONTES BIBLIOGRÁFICAS	77

INTRODUÇÃO

1.1 EXPOSIÇÃO GERAL DO TEMA

Este trabalho é fruto da experiência de Estágio Curricular na instituição Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes, uma Organização Não Governamental situada no Bairro Monte Cristo.

No decorrer da prática de estágio, durante o ano de 2001, foi-se percebendo a relevância de termos um maior domínio sobre o tema Processo de Trabalho, com o intuito de organizarmos o nosso próprio processo de trabalho dentro da instituição, bem como possibilitar a concretização da proposta de trabalho.

Considerando que o debate em torno do Processo de Trabalho está sendo reavivado, por conta das transformações que vêm ocorrendo a partir da incorporação dos ideais neoliberais (que têm como pressuposto o enxugamento do Estado em todas as áreas, a globalização da produção e da economia), levando a muitas mudanças no mundo do trabalho e de suas relações sociais contraditórias, o Assistente Social como um trabalhador da área social que vende sua força de trabalho nesse contexto, percebe a importância de colocar no centro de atenção o seu próprio processo de trabalho. Por outro lado sendo um mediador entre os interesses contraditórios da sociedade, onde a realidade não é um “ pano de fundo”, mas que perpassa e é perpassada pelas suas ações, sabe que é um importante ator no sentido de garantir e ampliar a cidadania e os direitos sociais. Por isso busca apreender seu Processo de Trabalho.

Os profissionais do Serviço Social a partir da década de 90, buscaram pensar a prática profissional a partir das categorias do processo trabalho, entendendo que esta é uma das vias

possíveis de romper com os limites impostos no passado do Serviço Social. Nesta época centralizou a sua prática profissional, limitando-se a ser um executor terminal das políticas públicas, tendo como característica “um fazer técnico e burocratizado”, não percebendo que sua prática ajudava a reproduzir as desigualdades sociais.

O momento atual se reveste de maior relevância para termos o domínio sobre o nosso próprio Processo de Trabalho, assim conseguiremos fortalecer os espaços de atuação e buscar uma ampliação de mercado de trabalho, bem como a afirmação da identidade do profissional e a legitimação do seu projeto ético-político.

Esperamos com este estudo contribuir para uma maior compreensão sobre o tema, dada a importância do mesmo para o Serviço Social.

Com o objetivo de facilitar a sua exposição, faremos uma descrição de como o tema está organizado.

1.2 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

No primeiro capítulo que tem o objetivo de abordar o Serviço Social na Contemporaneidade, faremos uma retrospectiva histórica da profissão, visto que através dela será possível entendermos os desafios e possibilidades de superação dos limites na atualidade. Em seguida apresentaremos a relevância do Movimento de Reconceituação, que teve um papel fundamental na busca de romper com a visão e prática tradicional do profissional, questionando a herança histórica da profissão.

A partir da exposição anterior passamos a apontar quais foram as saídas que se gestaram para a rediscussão da intervenção, a nova proposta curricular e a retomada da prática a partir da via processo de trabalho, onde acontece a reestruturação do mundo do trabalho onde é necessário firmar espaço e atender às demandas. Assim neste item faremos uma revisão teórica a respeito do Processo de Trabalho, apresentado e discutindo seus componentes

No segundo capítulo começaremos apresentando o Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes, campo de estágio do presente trabalho, e sua organização. Em seguida caracterizaremos a história de organização das comunidades Novo Horizonte,

Nossa Senhora da Glória e Chico Mendes, bem como a realidade social das comunidades atendidas pela entidade. No terceiro item deste segundo capítulo, apresentaremos o Projeto Tecendo Vida, onde o Serviço Social se insere na instituição, pensando a prática profissional a partir das categorias do Processo de Trabalho, bem como a construção da sua metodologia de trabalho. A partir do exposto faz-se imprescindível discutirmos algumas categorias que perpassam o cotidiano do Assistente Social. Por isso discorreremos sobre a categoria Famílias, considerando a relevância da forma como deve ser vista e compreendida, pois são as situações vivenciadas por eles o nosso objeto de trabalho. Adiante esboçaremos como as políticas públicas estão organizadas e como moldam o dia a dia dessas famílias. A seguir delinearemos a categoria Direito e Cidadania, apresentando quais direitos englobam e a importância da conscientização da sociedade na efetivação da Cidadania.

No último capítulo, o Processo de Trabalho em Movimento, mostraremos a experiência vivenciada durante o Estágio Curricular. Para tanto começaremos apresentando como acontece a Abordagem das Famílias. Na sequência veremos como ocorre a Construção do Espaço Grupal. Em seguida apresentaremos algumas ilustrações das experiências vivenciadas com os Grupos Vivência e Esperança, com o objetivo de delinear a prática concreta, tendo como pano de fundo todo o embasamento apresentado durante este trabalho, fazendo em cada ilustração uma avaliação do processo grupal.

NUNCA DIGAM: “ISSO É NATURAL”

**Nós pedimos com insistência
Nunca digam: isso é natural
Diante dos acontecimentos de cada dia**

**Numa época em, que reina a confusão
Em que corre sangue
Em que se ordena a desordem
Em que o arbítrio tem força de lei
Em que a humanidade se desumaniza**

**Nunca digam “isso é natural”
Estranhem o que não for estranho
Tomem por inexplicável o habitual
Sintam-se perplexos ante o cotidiano**

**Tratem de achar um remédio
Para o abuso
Mas não esqueçam
de que o abuso é sempre a regra**

**Desconfiem do mais trivial
Na aparência singela
Imagine o que parece habitual
Suplicamos expressamente
Não aceite o que é hábito
Como coisa natural**

**Pois em tempo de desordem sangrenta
De confusão organizada
De arbitrariedade consciente
de humanidade desumanizada
Nada deve parecer impossível de mudar
(Bertold Brecht)**

Capítulo I

O SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

2.1 RETROSPECTIVA HISTÓRICA

Com o objetivo de abordar o Serviço Social na Contemporaneidade, faz-se necessário voltarmos o olhar para a gênese da profissão no país. Esse movimento permitirá clarear os desafios e perspectivas com que os profissionais se defrontam na atualidade.

O Serviço Social no Brasil surge em meados da década de 30, num contexto marcado por muita efervescência social. Conforme Martinelli (199_, p. 109) “A luta pela vida, pela sobrevivência, pelo trabalho pela liberdade, levava o proletariado a avançar em seu processo organizativo, o que era visto com muita apreensão pela burguesia”. Assim o Estado, a Burguesia e a Igreja se unem na perspectiva de “Harmonia Social”. Para buscar estratégias de intervenção com o objetivo de desmobilizar e disciplinar a classe trabalhadora e suas famílias. (MARTINELLI, 199_).

Dentro deste contexto o Serviço Social se constitui como profissão vinculada diretamente com um movimento laico da igreja católica, ancorado na doutrina neotomista e associado ao funcionalismo. Assim, tinha-se uma visão abstrata e transcendental de homem e de bem comum, com a naturalização da norma, da moral, da funcionalidade do mundo e dos papéis sociais. É através destas duas linhas de pensamento, entre outras, que a profissão foi se moldando e construindo a sua prática de intervenção na sociedade até meados da década de 70, fase em que se busca uma ruptura com essa tradição. (MARTINELLI, 199_; IAMAMOTO, 1997; BARROCO, 2000; NETTO et al, 2000).

Assim cabe ressaltar que o Serviço Social como profissão não se desenvolveu e estabeleceu “a partir da” ou no seio da classe trabalhadora, ao contrário, a sua identidade se construiu dentro de um o projeto burguês de sociedade.

Segundo MARTINELLI (199_):

Essa identidade era uma síntese de funções econômicas e ideológicas, o que levava à produção de uma prática que se expressava fundamentalmente como um mecanismo de reprodução das relações sociais de produção capitalista, como uma estratégia para garantir a expansão do capital (...) além de abrir canais necessários para a realização de controle sobre a classe trabalhadora, fornecia-lhe o indispensável suporte para que se criasse a ilusão necessária de que a hegemonia do capital era um ideal a ser buscado por todos.

Diante dessa identidade atribuída e não instituída pela categoria, o profissional desenvolvia uma intervenção assistencialista, pautada na doutrina da igreja católica e no funcionalismo, sem perceber que estava somente contribuindo para manter a desigualdade e a miséria. Além disso, acreditava-se, entre outras concepções, que para ser Assistente Social tinha que ter um dom, uma atribuição divina. (MARTINELLI, 199_).

IAMAMOTO (1997), aponta que o Serviço Social, para os militantes do movimento laico Ação Católica e Ação Social, “aparece como uma alternativa profissionalizante às suas atividades de apostolado social, num momento de profundas transformações sociais e políticas”(...).

Neste período com o progressivo agravamento da Questão Social, consequência do processo de urbanização e industrialização capitalista, onde grande parte da população está em situação de miséria, e a classe trabalhadora luta assiduamente por melhoria das condições de vida e de trabalho, o Estado procura mediar os conflitos de classe com o objetivo de se legitimar e manter o “Status Quo”. Assim começa a tratar a Questão Social não mais como “caso de polícia”, passando a buscar o consenso. (IAMAMOTO, 1997).

Conforme Iamamoto (1997), O Serviço Social é instituído como profissão para lidar com as contradições do capitalismo, isto acontece “quando o Estado se ‘amplia’, nos termos de Gramsci, passando a tratar a questão social não só através da coerção, mas buscando um consenso na sociedade, criando as bases históricas da nossa demanda social”(...).

É essa Questão Social (que está na base de sua fundação enquanto especialização do trabalho), que sugere a necessidade da intervenção profissional, se caracterizando assim, como objeto de trabalho do Serviço Social. A Questão Social em suas “múltiplas expressões que provoca a necessidade de ação profissional junto à criança e ao adolescente, situações de violência”(...) Questão social que precisa ser entendida enquanto gênese das desigualdades sociais. (IAMAMOTO, 1996).

O Serviço Social é uma profissão inscrita no mundo de trabalho, onde o profissional vende sua força de trabalho para as entidades empregadoras, que necessitam dessa mão de obra qualificada e, que tem na sua especificidade, como produto, a prestação de serviços sociais, tanto na esfera da produção, quanto na esfera da reprodução social. (IAMAMOTO, 1997).

Ressalta-se, que o profissional do Serviço Social, na sua trajetória centralizou sua prática profissional, na execução e implementação de políticas, projetos vindos e criados de forma verticalizada, tanto nas esferas pública e privada. O seu fazer, era um fazer técnico e burocrático, sem muitos questionamentos sobre seus procedimentos, por vezes teve como base de intervenção a lógica assistencialista, do favor, sendo um profissional que através de suas ações ajudava a manter a conformação social.(IAMAMOTO, 1997).

Será a partir da década de 70, que os profissionais, buscarão ampliar sua visão de Estado, Sociedade, Relações Sociais e de seu papel na Sociedade. Nesse período o Serviço Social busca uma ruptura, no nível teórico, conceitual e metodológico, essa fase ficou conhecida como Movimento de Reconceituação. (IAMAMOTO, 1997) (BARROCO, 2000), (NETTO et al, 2000).

2.2 MOVIMENTO DE RECONCEITUAÇÃO

Os profissionais do Serviço Social tiveram na sua origem a influência das escolas franco-belgas e depois no período conhecido como desenvolvimentista, das escolas americanas, ambas advindas de realidades peculiares, onde instituíram historicamente práticas e leituras próprias, por isso deslocadas da realidade brasileira. Foi durante a década de 60 que o Serviço Social no nível latino americano, começou a questionar essa

herança histórica e o seu papel na sociedade colocando-os em cheque, bem como sua prática e resultados de suas ações. (MARTINELLI,199_ ; JUNQUEIRA, 1980; ROSAL, 1997).

Segundo Junqueira esses profissionais:

Encontram-se na busca de fundamentos, de novos conhecimentos e teorias das ciências humanas, e, de modo especial, encontram-se ao postularem a necessidade de um posicionamento ideológico, baseado em uma concepção do homem e do mundo e na formulação de novas metodologias que possam instrumentalizar uma ação coerente com o novo posicionamento”.

O ponto culminante desse movimento tomou corpo no decorrer da década de 70 e adentrou os anos 80, onde essa busca de ruptura foi empreendida por parte dos profissionais de Serviço Social que tinham a percepção muito clara dessa situação e, buscaram então na teoria Marxista questionar a sua prática de intervenção e ao mesmo tempo combater e menosprezar os tradicionais locais de contratação do profissional. Por outro lado condenavam toda teoria que embasava o Serviço Social de caso, grupo e comunidade, instrumentos incorporados de outros países e que norteavam o nosso fazer profissional. (JUNQUEIRA, 1980; MARTINELLI,199_).

Conforme MARTINELLI (199_):

Engajados em um movimento que no âmbito interno da profissão recebeu a denominação de Movimento de Reconceituação, esses agentes assumiram, como causa revolucionária, a intensa e profunda análise da ‘situação’ do Serviço Social no continente Latino Americano, tanto do exercício profissional, como de seus fundamentos teóricos”.

É importante destacar que os profissionais ao nível latino americano, que participaram desse movimento não tinham posições unívocas, porém de diferentes formas buscavam em comum criticar, às vezes até radicalmente, o Serviço Social tradicional. “Queriam construir uma teoria e práxis do Serviço Social, como forma de resposta à realidade latino americana com uma posição ideológica definida”. (JUNQUEIRA, 1980).

Uma das críticas que se faz ao Movimento de Reconceituação, é de que antes os profissionais tinham uma posição calcada na harmonia social, visão funcionalista de mundo, a-histórica e onde o dom era um pressuposto para ser assistente social. No

Movimento de Reconceituação o profissional critica toda essa posição e vê-se como transformador do mundo, com uma visão carregada de heroísmo, sem levar em conta os limites da profissão. É como se ela estivesse à parte dos acontecimentos socioeconômicos, políticos e culturais e como se reforçando a vontade política dos sujeitos toda realidade se transformasse. (IAMAMOTO, 1996).

Outro ponto que deve ser considerado, diz respeito ao fato de que se buscou um novo posicionamento ideológico e radicalmente se questionou e menosprezou a intervenção tradicional, no entanto não se instituiu novas e diferentes práticas interventivas. Os profissionais não elaboraram novos fazeres baseados numa coerente sistematização e produção teórica própria, com vistas a atuar sobre onde tradicionalmente eram chamados a vender sua força de trabalho e/ou novas formas de intervir no nível de caso, grupo (diferentes agrupamentos de indivíduos) e comunidade (trabalho no nível micro e macro do coletivo). Perderam-se no caminho, ficando somente na crítica ao tradicional e deixando então de responder às demandas que se apresentavam nessa esfera e ainda deixando de conquistar e produzir um trabalho diferenciado do anterior. (ROSAL, 1987; NETTO, 1981).

O código de ética da profissão, reelaborado em 1975, expressa as contradições do movimento e ao mesmo tempo demonstra que na base acabou se fazendo uma renovação conservadora no Serviço Social. (NETTO et al, 2000).

É relevante apontar que ao ensejar o debate, o Movimento de Reconceituação, inaugurou um expressivo caminho a percorrer pelos profissionais na construção de sua identidade profissional e lançou as bases para superar equívocos históricos da profissão, ou seja, instigou o Serviço Social a ampliar seu olhar para fora de si mesmo e perceber o movimento dinâmico da sociedade e sua inter-relação com a profissão. Essas conquistas se ensaiam com efetividade na reelaboração do código de ética de 1986, e se efetivam com uma maior superação no código de ética de 1993, ou seja, o Movimento de Reconceituação teve um papel fundamental como desbravador de novos caminhos para a profissão de Serviço Social. (MARTINELLI, 199_; NETTO et al, 2000; IAMAMOTO, 1997).

Na entrada dos anos 90, temos uma profissão que obteve muitos ganhos através das lutas e desafios que ousou enfrentar durante sua trajetória, onde conquistou, entre outras, sua maioria intelectual e técnico operativa, onde há a percepção do movimento

dinâmico da sociedade, partindo do pressuposto da totalidade, uma realidade que exige um profissional com novo perfil e que seja capaz de decifrar os novos desafios impostos nos espaços de trabalho da profissão, bem como as novas demandas da questão social, que têm como “pano de fundo” o ideal neoliberal, enfeixada na globalização, nova forma de acumulação capitalista. (IAMAMOTO, 1997; NETTO, 199_).

A seguir abordar-se-á esses novos tempos.

2.3 SERVIÇO SOCIAL E PROCESSO DE TRABALHO

A saída para a rediscussão da intervenção, a nova proposta curricular e a retomada da prática via processo de trabalho, acontece com a reestruturação do mundo do trabalho onde é necessário firmar espaço e atender as demandas.

Partindo do pressuposto que o Serviço Social é uma profissão inscrita na divisão social e técnica no mundo do trabalho, o profissional vende sua força de trabalho a um contratante que a necessita, então como um trabalhador assalariado é afetado pelas mudanças que vêm ocorrendo na sociedade. Para que ocupe com competência os lugares que demandam o profissional precisa ter clareza das exigências da atualidade, assim há a percepção, por uma parte da camada profissional, da centralidade da categoria no processo de trabalho como sendo o caminho que dará viabilidade de vencer os desafios. (IAMAMOTO, 1997; GRANEMANN, 199_)

IAMAMOTO (1997) aponta:

Um dos maiores desafios que o Assistente Social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir das demandas emergentes no cotidiano. Enfim, ser um profissional propositivo e não só executivo.

Essa afirmação, tem base na forma como historicamente o profissional interviu na sociedade. Por muito tempo foi um executor terminal das políticas sociais, não se percebendo como um profissional que tem uma força de trabalho que tem valor na sociedade, onde há uma grande demanda pelos seus serviços e ao mesmo tempo não se vendo como um trabalhador coletivo e possuindo um processo de trabalho que desenvolve no cotidiano. (MARTINELLI, 1998; IAMAMOTO 1997).

Importa nesse momento apontar qual realidade é essa que não pode segundo IAMAMOTO (1997), ser vista como um pano de fundo para depois ser discutida, pois ela influencia e dá o 'tom' da nossa prática profissional, mexendo nas nossas condições e relações de trabalho do cotidiano, bem como da população por nós atendida.

Hoje todo o mundo é afetado pela incorporação por parte do governo e de alguns segmentos da sociedade, das perspectivas neoliberalistas. Estas por sua vez têm como pressupostos a globalização da produção, do mercado, da economia, entre outros, e o enxugamento do Estado em todas as áreas, levando a muitas mudanças no mundo do trabalho e de suas relações sociais contraditórias. (NETTO, 199_; NETTO et al, 2000; FALEIROS, 199_).

À medida que a política neoliberal avança há uma reestruturação produtiva. São muitas as inovações, as tecnológicas provocam a substituição de um número cada vez maior de trabalhadores em todas as áreas por máquinas. Em contrapartida temos a abertura ao capital financeiro, possibilitando a entrada de empresas multinacionais e produtos estrangeiros, tendo como uma das conseqüências a falência de várias empresas que não conseguem competir com os preços e a qualidade dos produtos. Outro ponto é privatização de empresas públicas, tendo como primeira conseqüência a demissão de muitos funcionários. (LESBAUPIN, 199_; IAMAMOTO, 1997).

MARTINELLI (1998), infere:

Há registros de empresas nacionais, e/ou multinacionais, que com a importação de uma só máquina desativam seções inteiras de uma fábrica. São postos de trabalho que se fecham do dia para a noite, são famílias de trabalhadores que perdem o seu sustento. Essa degradação do mundo do trabalho está associada a uma verdadeira revolução, que muito velozmente transformou o mercado no grande regulador da sociedade.

Por conta disso tudo o desemprego no Brasil cresce compulsivamente. Ressalta-se que o desemprego em massa está na base do neoliberalismo, esse princípio é defendido por Hayek – propagador e elaborador do neoliberalismo contra a política do Welfare State - já em 1944. Nesse ponto o Estado de acordo com as normas estabelecidas pelas agências financeiras vem promovendo ações de desregulamentação das relações trabalhistas, diga-se de passagem, flexibilização das normas que regem a contratação de trabalho, buscando

flexibilizar a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), ou criar novas formas relações de trabalho (LESBAUPIN, 1999; PEREIRA, 1995).

Dentro da flexibilização, temos a terceirização dos serviços e as contratações por serviços temporários, havendo no primeiro caso a contratação com salários mais baixos e no segundo nenhuma garantia trabalhista. Outra forma de flexibilização é a abertura de vagas para estagiários, demitindo funcionários, pagando salários menores e sem benefícios trabalhistas. (PEREIRA, 1995).

Essa é realidade conjuntural que atravessa a vida do Assistente Social, onde este deve apreender, estando nas mais variadas áreas, quais respostas competentes deve empreender. Por outro lado sendo um mediador entre os interesses contraditórios da sociedade, onde a realidade perpassa e é perpassado pelas suas ações, o profissional é um dos principais atores no sentido de garantir e ampliar a cidadania e os direitos sociais. (IAMAMOTO, 1997)

Apontando a relevância do nosso compromisso com a sociedade no que diz respeito a cidadania MARTINELLI (1998), enfatiza:

Cidadania é pertencimento, cidadania é inclusão, cidadania é usufruto de direitos, é acesso pleno a direitos. Como trabalhadores sociais, precisamos lutar por uma noção de cidadania na qual não sejamos dimensionados apenas por poder de compra, por ter e não por ser.

Tendo em conta essa realidade, o Assistente Social deve elaborar e viabilizar projetos que visem efetivar a cidadania plena, através de projetos sociais em várias frentes, busque negociar e criar formas de enfrentamentos com os diversos poderes aos quais está vinculado, e estejam em constante avaliação e decifração da realidade.

No que tange aos serviços sociais, COSTA (1998), indica que há um aumento na demanda por serviços mais qualificados de uma forma geral na sociedade. O Assistente Social atua como um gestor e prestador de serviços sociais, por isso cabe ao profissional perceber as novas demandas desse setor e organizar, ampliar e modificar a sua intervenção de acordo com a área de atuação.

Diante desse contexto faz-se necessário que o Assistente Social busque usar de seu arsenal teórico metodológico e técnico operativo, como instrumentos preciosos e fundamentais para superar os desafios e limites da realidade e criativamente abrir possibilidades para dar conta de seu papel na sociedade. Assim torna-se indispensável ter

clareza do seu processo de trabalho, seu significado, suas contradições, seus pressupostos, pois disso dependerá o fortalecimento de espaços e a ampliação de mercado de trabalho, bem como a afirmação da identidade do profissional e a legitimação do seu projeto ético - político. (IAMAMOTO, 1998).

Considerando essas colocações faz-se necessário primeiro discorrer sobre a categoria trabalho, GRANEMANN (1982) citando Marx (1982), coloca:

É pelo trabalho que o homem se diferencia e se distancia da natureza, ao submetê-la a sua vontade no ato de transformá-la em produtos necessários à sua vida. Tais produtos são valores de uso, que podem satisfazer diferentes necessidades humanas.

Partindo também de Marx, CARDOSO (1995) aponta que na realidade capitalista (onde o trabalho se realiza, em que os meios de produção são monopolizados, ha exploração cada vez mais acentuada da mão de obra e onde as inovações tecnológicas são constantes), os trabalhadores perdem o controle sobre o que produzem, passando a atuar como mais uma etapa do processo de produção, assim alienam-se, ou seja, perdem a consciência sobre seu processo de trabalho, porque não percebem, não vêem, que a atividades realizada resultou num determinado objeto. (CARDOSO, 1995).

Com relação a categoria trabalho, IAMAMOTTO (1997), aponta:

Através do trabalho o homem se afirma como ser criador, não só como indivíduo pensante, mas como indivíduo que age consciente e racionalmente. Sendo o trabalho uma atividade prático-concreta e não só espiritual, opera mudanças tanto na matéria ou no objeto a ser transformado, quanto no sujeito, na subjetividade dos indivíduos, pois permite descobrir novas capacidades e qualidades humanas.

Assim considerando a relevância do trabalho para o ser humano o Assistente Social busca se inserir no mercado de trabalho onde realiza um processo de trabalho.

SIMIONATTO (1998), esclarece:

Processo de trabalho é uma atividade de transformação de determinado objeto por meio da atividade humana, através de instrumentos determinados. Ocorre quando um objeto é transformado em valor de uso, ou seja, o trabalho converte-se em utilidade para alguém. Tal transformação requer além da atividade humana, instrumentos aperfeiçoados.

A partir dessa colocação, percebe-se que o Processo de Trabalho contém vários elementos que lhe dão sustentação.

No Processo de Trabalho a passagem do momento de pré-ideação (projeto) para a ação propriamente dita requer instrumentalidade. Requer a conversão das coisas em meios para o alcance dos resultados. Essa capacidade só pode se dar no processo de trabalho, no qual o homem mobiliza todos os seus recursos convertendo-os em instrumentos para alcançar seus resultados. É essa capacidade que, como instância de passagem, possibilita passar das abstrações da vontade para a concreção das finalidades (Guerra, 2000).

Conforme CARDOSO et al (1995), o Processo de Trabalho é um sistema formado por inter-relações entre os processos culturais, as relações de gênero, as organizações institucionais e as relações pessoais.

O processo de trabalho em Marx é composto de três elementos, a saber: o trabalho em si, os objetos e os meios (instrumentos e técnicas de trabalho). (CARDOSO et al, 1995).

Importa ressaltar que não existe um Processo de Trabalho do Serviço Social, mas diversos processos de trabalho onde os Assistentes Sociais se inserem, realizam sua parte num processo de trabalho coletivo. (VENZON, 199_).

IAMAMOTTO (1997), aponta que o componente do processo de trabalho o **trabalho em si** “é uma atividade humana exercida por sujeitos de classes”. Isso indica que esses trabalhadores como sujeitos de uma determinada classe, trazem consigo uma herança cultural, um acervo teórico e técnico de valores éticos sociais.

Salientamos que o Assistente Social traz no seu perfil uma subalternidade profissional e baixa auto estima, diante de outras profissões, isso por conta da sua constituição histórica na sociedade, uma profissão atravessada pelas relações de gênero, influenciada pela tradição católica e tendo sua identidade atribuída pela burguesia. (IAMAMOTTO; 1997; MARTINELLI; 199_).

Complementando, com relação ao elemento trabalho SIMIONATTO (1998), afirma “o **trabalho** , é a atividade humana adequada a um determinado fim”. Ou seja, é teleológico, ou seja tem uma finalidade, portanto tem como resultado um produto.

Importa colocar que a soma dos elementos do processo de trabalho: objeto, meios (instrumentos de trabalho e técnicas) e o trabalho em si, resultam em um produto, cabe

perguntar, qual é o produto do trabalho do Serviço Social ou resultado do processo de trabalho?

Segundo SIMIONATTO (1998):

O produto do trabalho ou resultado do processo de trabalho: corresponde ao valor de uso do trabalho. Todo o produto de um trabalho corresponde a uma necessidade humana, tendo, portanto, finalidade, objetivos e metas. Em relação ao Serviço Social, a sua finalidade maior é a defesa dos direitos sociais, a ampliação da cidadania e a consolidação da democracia.

A autora coloca ainda, que os objetivos para serem efetivos necessitam de ações concretas, viabilizados através dos serviços sociais prestados aos usuários, onde os resultados dos processos de trabalhos ocorrem tanto no âmbito objetivo, serviços sociais destinados a reprodução material da força de trabalho, quanto na área subjetiva, por meio de ações nas esferas ideológicas, política, cultural, entre outras. (SIMIONATTO,1998).

IAMAMOTTO (1997), enfatiza que o trabalho dentro do referencial teórico Marxista, é visto através de dois ângulos fundamentalmente complementares, por um lado do *trabalho concreto*, das peculiaridades materiais particulares que o tornam um trabalho útil e moldam as formas singulares assumidas pelos elementos presentes em qualquer processo de trabalho: os meios, o objeto e a atividade, ou seja, se enfatizam os aspectos qualitativos desse trabalho, o valor de uso. Por outro lado, esses componentes podem ser vistos a partir da quantidade de trabalho socialmente necessária que contêm materializados, independente da forma útil que assumem”(...). aqui o destaque são os valores de troca, (...) Vive-se a sociedade da mercantilização universal, onde toda atividade tende a ingressar no circuito do valor, passível de ser comprado e vendido”.

Partindo da questão qualitativa, o Serviço Social através do processo de trabalho produz diferentes serviços como: viabiliza aposentadorias, faz treinamento, seleção, presta serviços na área da saúde, articula o acesso a benefícios diversos, aciona políticas públicas, entre outros. Dependendo da área de atuação, o profissional oferece produtos adequados à demanda colocada. (IAMAMOTTO,1997).

Do ponto de vista do universo da produção da mais valia e do valor; do processo de produção e reprodução da vida social, infere-se que na realização do seu trabalho por meio dos serviços sociais prestados, tanto objetivos (materiais), como político ideológicos (conhecimento, comportamento, cultura, etc), o Serviço Social produz um resultado direto

ou indireto nas condições materiais e sociais dos seus usuários, ou seja, produz um efeito tanto na reprodução da força trabalho, trabalho transformado em mercadoria, fonte de mais valia (base da criação e da riqueza social), quanto na preservação da vida dos setores majoritários da população trabalhadora, bem como de seus membros. (IAMAMOTTO,1997).

Com relação ao resultado do processo de trabalho na esfera ideológica enfatiza IAMAMOTTO (1997), que “o resultado de suas ações existem e são objetivos, embora não se corporifiquem como coisas materiais autônomas, ainda que tenham uma objetividade social (e não material), expressando-se sob forma de serviços”.

O segundo componente do processo de trabalho o **objeto de trabalho** segundo IAMAMOTTO (1997), é a questão social, é ela a matéria prima do fazer profissional. “Pesquisar e conhecer a realidade é conhecer o próprio processo de trabalho junto ao qual pretende-se induzir um processo de mudança”. Nesta perspectiva conhecer este objeto implica conhecer a realidade, desvendá-la para que se efetive uma ação transformadora.

“Questão social apreendida enquanto o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade”. (IAMAMOTTO, 1997).

Diante dessa realidade que o sistema capitalista produz e considerando que, no decorrer do processo surgem novas bases de acirramento das questões sociais envolvidas, há regularmente a necessidade de inovar e atualizar o nosso processo de trabalho, assim ampliaremos nosso olhar em relação ao objeto de intervenção e, conseqüentemente as respostas serão mais efetivas. Esse ponto é fundamental para que o Serviço Social mantenha e amplie seu espaço no mercado de trabalho (IAMAMOTTO, 1997; SIMIONATTO, 1998).

Ter como **objeto de trabalho** a questão social em suas várias expressões, é uma tarefa extremamente complexa e que nos desafia a todo o momento, pois não basta observar a realidade e perceber o que está nas entrelinhas, tanto na produção, quanto na reprodução das desigualdades sociais. Essa questão requer do profissional inventar formas

de enfrentamento e superação da realidade vivida. (IAMAMOTO 1999; ARCOVERDE, 1998).

Considerando essas colocações, percebe-se quão importante se faz que o profissional esteja atento à realidade onde está inserido e ao mesmo tempo deve procurar apreender o significado das informações e acontecimentos que averigua no dia a dia, bem como dos comportamentos dos diferentes sujeitos que fazem parte do seu cotidiano.

Com relação aos **meios de trabalho ou instrumentos de trabalho**, segundo SIMIONATTO (1998), é “aquilo que o trabalhador interpõe entre ele e o objeto sobre qual trabalha para transformá-lo”.

Segundo IAMAMOTTO (1997) no Serviço Social, “a noção estrita de instrumento como mero conjunto de técnicas se amplia para abranger o conhecimento como um meio de trabalho, sem o que o trabalhador especializado não consegue efetuar sua atividade ou trabalho”.

Os meios de trabalho do Serviço Social, pode então ser dividido em instrumentos técnico operativos e teórico metodológicos. Os instrumentos técnicos operativos são: atendimentos, entrevistas, visitas domiciliares, encaminhamentos, diagnósticos (estudos sociais), relatórios, registros, dados estatísticos, reuniões, entre outros. Os instrumento teóricos metodológicos são os conhecimentos teóricos que vão embasar os instrumentos técnicos e todo cotidiano profissional, ou seja, serão eles que irão orientar as atividades do Assistente Social, dará o “tom” ao fazer a leitura da realidade, mesmo sem se dar conta disso. (IAMAMOTO; 1997; SIMIONATTO, 1998).

Concordando com essas colocações GRANEMANN (199_), aponta que:

Até o arsenal operativo – o domínio da técnica – não pode ser executado sem um como e um porquê. Isto equivale dizer: há uma intencionalidade no uso da técnica, uma conseqüência nas escolhas.(...) A técnica não está desconectada de uma teleologia, isto é de um fim, de antecipações prefiguradas pelos homens antes mesmo de construí-las.

A partir do que foi colocado aponta-se a grande importância do profissional ter clareza de quais linhas teóricas usa para ler, desenvolver sua prática e conseqüentemente seus resultados. Somente através disso é que poderá decidir ampliar ou optar por buscar outras e/ou diferentes orientações teóricas, considerando que todas estão ligadas a diferentes ideologias e visões de mundo que vigem na sociedade.

Com relação ainda aos instrumentos de trabalho, por ser o Assistente Social um trabalhador especializado, que vende sua força de trabalho a um contratante, isso significa que não possui todos os meios de trabalho e, será a instituição empregadora que vai possibilitar a efetivação de trabalho, fornecendo e regulando os recursos financeiros, humanos e técnicos do seu trabalho. (SIMIONATTO;1998; IAMAMOTTO; 1997).

O profissional de Serviço Social faz parte de uma equipe de trabalho, logo, é um trabalhador coletivo, sua intervenção está ligada diretamente ao papel que lhe está reservado, tendo como objetivo contribuir para que a empregadora possa cumprir seu papel social, assim, ela organiza o processo de trabalho do profissional. (IAMAMOTTO;1997; BAPTISTA; 2000; GRANEMANN, 199_).

Com relação à atuação na esfera pública MENEGASSO (199_) ressalta:

Out.

O assistente social ao compor equipes de trabalho no setor público deve voltar a sua ação para atividades que consolidem a noção de bem público. A utilização dos instrumentos e técnicas deve levar isso em conta para que a prestação de serviços seja de qualidade e para facilitar ao cidadão as respostas do Estado as suas demandas.

O Serviço Social ao atuar em Organizações não Governamentais tem especificidades e desafios que estão na própria natureza desse tipo de organização que são de direito privado, mas de interesse público, são conhecidas como organizações do terceiro setor. Elas têm toda uma história baseada no assistencialismo e na filantropia, história essa que hoje buscam escrever com novos olhares e ações diferenciadas das anteriores, onde procuram ter como meta incentivar e motivar seus usuários a lutar pela transformação social. Para tanto busca oferecer serviços sociais de qualidade, enfatizando sempre a melhoria das condições de vida e melhor qualidade de vida da população que recebe seus serviços sociais, ou seja, suas ações têm um norte e uma direção bem definidos, que é a ampliação e efetivação da cidadania. (MENEGASSO; 199_; BAPTISTA; 2000_).

PAZ (199_), ao conceituar o papel das ONG'S, coloca:

As ONG'S são organizações privadas em defesa do interesse público, particularmente dos interesses de ampla parcela dos setores sociais privados de seus direitos. Caracterizam-se por serem autônomas diante do Estado, das igrejas, dos partidos políticos e dos movimentos sociais. Seu principal compromisso é com a constituição de uma sociedade mais democrática, incluindo o respeito à diversidade e ao pluralismo.

Neste contexto o Assistente Social nas Organizações Não Governamentais atua em planos, programas e projetos da instituição, tendo como foco a prestação e gestão dos serviços sociais. Na gestão dos Serviços Sociais o profissional tem limites e possibilidade na sua intervenção e isso deve estar bem claro para que consiga resultados positivos e possa viabilizar propostas adequadas aos objetivos da instituição, ou seja, contribuindo para o cumprimento do seu papel social. (BAPTISTA; 2000; PAZ; 199_).

Cabe dizer que a instituição empregadora apresenta limites e possibilidades ao profissional. Este por sua vez deve conhecer bem esses dois aspectos, para que possa no seu processo de trabalho forjar mudanças e/ou aproveitar oportunidades e ainda, sabendo quais os limites, buscar articular os interesses, por vezes contraditórios, entre a instituição, empregados e/ou usuários. Fazendo as mediações, dentro dessas fronteiras deve elencar prioridades que tenham viabilidade dentro do espaço organizacional, buscando abrir caminhos para transpor no decorrer do processo alguns desses limites. Por isso é fundamental conhecer e entender a questão organizacional da empresa (pública, privada), sua história, o contexto em que está inserida e seu objetivo na sociedade. De outra forma o Serviço Social deve saber a qual política social e/ou privada está ligada dentro da esfera de atuação. (BAPTISTA; 2000 GRANEMANN; 199_).

Considerando todos os apontamentos, infere-se que o Processo de Trabalho é o fazer profissional e tem uma relevância que é inerente a si mesmo. Por isso deve-se ter clareza com relação aos elementos que o compõe, ou seja, identificar qual meu objeto de trabalho (questão social), e as correlações de força que o amplia e/ou reduzem seu impacto, acontecimentos sócio-econômico no nível macro e micro. É relevante saber quais os meios (instrumentos e técnicas de trabalho) que possui na efetivação do trabalho, instrumentos técnicos, materiais, financeiros e humanos, considerando a esfera onde atua (1º, 2º ou 3º setor), bem como a quais necessidades precisam responder. Por último, com relação à própria atividade, o trabalho em si, faz –se imprescindível saber qual produto/resultado do seu trabalho, o seu valor de troca.

Com base nos conhecimentos dos diversos autores citados, indica-se que a partir da apreensão e conhecimento do seu processo de trabalho, aliado a autocrítica constante e acompanhamento dos processos sociais, o Assistente Social pode decidir e orientar seu

trabalho no sentido de uma intervenção que contribua para transformar a realidade ou para a conformação da mesma.

Com relação à organização do processo de trabalho alguns profissionais se referenciam em Merhy, entre outros autores da área da saúde, como uma alternativa, um caminho que possibilita aos profissionais efetivar um processo de trabalho que tenha resultados concretos.

MERHY (1997), percebendo a relevância de organizar o processo de trabalho, coloca em debate a relação trabalhador /usuário na prestação de serviços de saúde, a partir da realização dentro de uma perspectiva de trabalho vivo ou morto. Entendendo que Trabalho Morto é a repetição de um trabalho que já foi construído. Trabalho morto porque a pessoa somente executa uma função, um procedimento padronizado, onde o resultado do seu trabalho se torna algo externo, indiferente a ela. Assim, quando o trabalhador da saúde, efetiva um trabalho morto, toma o usuário como depositário de um serviço, o usuário é um objeto, onde recebe mecanicamente o atendimento padronizado.

Quando um trabalhador realiza um trabalho partindo da ótica do trabalho vivo, considerando que trabalho vivo é o trabalho onde o trabalhador tem consciência do processo de trabalho e que o mesmo vai se instituindo no decorrer do processo, onde há possibilidade de criar formas novas e inovadoras de produzir e efetivar o trabalho para o qual é contratado. Ou seja, a criatividade pode ser incorporada na execução da tarefa e o potencial humano é valorizado. Então, o trabalhador percebe que os instrumentos não estão prontos, ele vai criando formas de efetivar seu trabalho, usando o saber (uma tecnologia leve, enquanto conjunto de saberes que dão sustentação a sua prática), que lhe possibilita prestar o serviço. Percebe o usuário como partícipe do processo que está realizando, sendo por isso relevante os motivos e expectativas que o trouxeram ao serviço, considerando que ambos tem perspectivas e expectativas durante o processo de atendimento, cada um com sua subjetividade, onde todo um conjunto influencia a realização e prestação do serviço (MEHRY; 1995, 1997).

Considerando a atuação do Serviço Social na prestação de serviços sociais COSTA (1998 apud Mehry 1997), aponta:

O usuário não é apenas consumidor dos efeitos do trabalho, mas sujeito ativo do Processo de Trabalho, na medida em que dele dependem as informações e o conjunto das iniciativas que lhes permite enfrentar a situação e/ou condição para as quais o serviço de destina.

Colocando ainda que nesse sentido:

“Embora o processo de trabalho nos serviços sociais se materialize - de forma genérica - como expressão do processo de trabalho em geral, merece destaque o fato de que nesse tipo de atividade, o trabalhador dos serviços, em função da relação que estabelece com o usuário, pode imprimir uma direção e autonomia.

As reflexões de Merhy são muito pertinentes ao considerarmos o que foi colocado durante este capítulo, com relação às formas de intervenção do Assistente Social. Assim, ao analisarmos a prática profissional do Serviço Social a partir desse referencial teórico, observa-se que alguns profissionais do Serviço Social centralizaram e centralizam os seus Processos de Trabalho em torno de procedimentos padronizados, onde acabam tratando seus usuários como depositários dos serviços sociais, logo, realizam um trabalho morto, junto à população usuária, ao contrário do trabalho vivo que se faz na relação Trabalhador/Usuário. Ao padronizar suas ações o profissional faz com que o usuário não participe do processo de trabalho, assim elabora seus projetos e ações de cima para baixo. Infere-se, então, a relevância de organizar o processo de trabalho a partir do trabalho vivo.

Neste capítulo foi esboçado um panorama geral da inserção do Serviço Social no Brasil, bem como as questões sociais que afetam toda a sociedade e que impõe, cotidianamente, para o Assistente Social novos e velhos desafios. O estudo do Processo de Trabalho teve como premissa sinalizar um relevante caminho, para que os profissionais possam concreta e efetivamente vencer os desafios apontados na atualidade.

Considerando a relevância do exposto durante este capítulo iremos pensar a prática a partir das categorias do processo de trabalho.

“O trabalho vivo não pode em ato, no interior do processo de trabalho, libertar-se plenamente do trabalho morto, mas tem condições de comandá-lo se conseguir aprender a interrogá-lo, a duvidar do seu sentido e a abrir-se para os ruídos/analísadores presentes no seu cotidiano. Com isso, e de posse de uma caixa de ferramentas que tenha o compromisso com o sujeito da ação, e em ação, pode-se reinventar a lógica do processo de trabalho, sua gestão, organização e finalidade, em ato, coletiva e publicamente”

(Emerson Elias Merhy)

Capítulo II

O SERVIÇO SOCIAL NO CENTRO DE ATIVIDADES COMUNITÁRIAS CHICO MENDES

3.1 SERVIÇO SOCIAL E CENTRO DE ATIVIDADES

O Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes faz parte do Terceiro Setor¹. É uma Organização Não Governamental que está situada no Bairro Monte Cristo, tem como população alvo às comunidades Chico Mendes, Nossa Senhora da Glória e Novo Horizonte, comunidades extremamente carentes e estigmatizadas pela sociedade local.

A entidade tem seu início no ano de 1992, a partir do envolvimento de alguns educadores que vieram residir na comunidade com a proposta de a partir do envolvimento/aproximação da realidade comunitária estar a serviço desta, no desenvolvimento de ações conjuntas que oportunizassem a população viver com mais dignidade, construir um processo de busca de cidadania, bem como a humanização das relações.

Com o envolvimento de outras pessoas no trabalho, sendo estas moradoras ou amigas da comunidade (cidadãos que se identificavam com a luta comunitária) em 1994, fundou-se a

¹ Entende-se que o chamado 3º Setor, engloba as Associações diversas, Fundações privadas, Organizações Filantrópicas, Beneficentes e de Caridade, Organizações não Governamentais (ONG's) (PAZ, 199_)

Infere-se que o Serviço Social, a partir de todos instrumentos técnico operativos e teórico- metodológicos de que dispõe, tem um papel fundamental nesses vários tipos de organizações da sociedade civil, atuando na gestão dos serviços sociais, identificando e elaborando estratégias de sustentabilidade, buscando parcerias sadias, promovendo projetos a partir da identificação das reais demandas da organização de acordo com seus objetivos. (MENEGASSO, 199_).¹

As áreas de atuação da Entidade são as seguintes:

Organização Comunitária (formação de lideranças comunitárias, informação quanto aos direitos dos moradores na área da habitação, saúde, educação, entre outros e participação nas lutas comunitárias).

Ações sócias educativas com famílias, crianças e adolescentes (as dimensões deste trabalho compreendem assistência, saúde, educação, direitos, cultura e lazer);

Ações na área da saúde (informação, encaminhamentos a rede pública de atendimentos, bem como para ONG's, organização de encontros formativos, palestras, oficinas, etc.).

Atualmente há o desenvolvimento dos seguintes projetos:

Projeto Esperança (atendimento a crianças e adolescentes em período extra-escolar);

Projeto Jovem Cidadão (atendimento aos jovens, proporcionando espaço saudável de convivência, esportes, cultura, lazer, formação e informação);

Várias oficinas (Biodança, Informática, Inglês, entre outras);

Formação de Lideranças e assessoria a organização comunitária.

Projeto Tecendo Vida (projeto de apoio e orientação sócio familiar).

Objetivando sinalizar a relevância destes projetos para as comunidades, especificamente o Projeto Tecendo Vida, foco principal de atuação do Serviço Social na instituição, apresentar-se-á adiante um conciso histórico da organização das comunidades referidas.

3.2 HISTÓRIA DE ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES NOVO HORIZONTE, NOSSA SENHORA DA GLÓRIA E CHICO MENDES

As Informações a seguir, foram construídas a partir da experiência da equipe do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes, que atuam na comunidade desde o início da década de 90.

As comunidades Novo Horizonte, Nossa Senhora da Glória e Chico Mendes, começaram a partir da década de 80, a ocupar progressivamente o espaço urbano, tendo como meta melhorar suas condições de vida e ter acesso com maior facilidade aos recursos de saúde, emprego, educação, entre outros, recursos estes que no campo são muito mais escassos. Em grande parte eram famílias que vieram do Planalto Serrano e outras cidades do interior do Estado. Muitas famílias já passavam por graves dificuldades, outros estavam num processo constante de empobrecimento, todas com o sonho de uma vida mais digna.

Na comunidade Nossa Senhora da Glória, as famílias foram chegando e ocupando os espaços de forma espontânea. Atualmente visualiza-se a comunidade como um amontoado de casas, entrecortadas por becos, demonstrando a forma de ocupação do espaço sem a preocupação dos órgãos públicos em qualificar a condição de moradia das pessoas que chegavam a cidade. Esta comunidade embora, formada por pessoas impedidas (pelo sistema excludente) de acessar, de forma mais plena, a sua condição de cidadania enquanto sujeitos de direito, conseguiu ao longo de sua história manter uma organização mínima, o que possibilitou a permanência nesse espaço, garantindo direitos básicos relativos à moradia.

No fim da década de 80, teve início a ocupação da comunidade Chico Mendes. A princípio uma ocupação espontânea, porém à medida que as pessoas foram sentindo que teriam dificuldade em garantir seu direito à moradia, empreenderam formas de se auto organizarem. Participaram do Movimento dos Sem-Teto o qual recebia assessoria do CAPROM (Centro de Apoio e Promoção do Migrante). Aos poucos as lideranças foram formando-se e lutando pelo direito a terra, assim organizaram o espaço, estabelecendo ruas, dividindo os lotes, criando áreas de lazer, construindo uma comunidade onde se sonhava que a população poderia habitar com dignidade. Assim a comunidade desde sua origem travou muitas lutas e embates com o poder público. Através da organização comunitária garantiu-se o direito a moradia, a conquista de melhorias sanitárias, equipamentos coletivos, projetos sociais. No entanto, a comunidade continua em luta, pois a partir do momento em que o poder público percebeu a força da comunidade, buscou cooptação e desarticulação

da organização, inserindo vários agentes externos com o objetivo de estabelecer na comunidade o projeto criado por "eles". A comunidade, entretanto, continua resistindo e busca garantir a sua participação.

A comunidade Novo Horizonte² foi formada a partir de uma ocupação organizada por pessoas participantes do Movimento dos Sem-Teto, assessoradas pelo CAPROM. Ao ocupar a terra o projeto urbanístico da área já estava pronto, com a organização das ruas, divisão dos terrenos por famílias, espaço para a construção do centro comunitário, posto de saúde e creche. Desde esta época (agosto de 1990), esta comunidade vem construindo através de muita luta sua história de organização e conquista do direito a moradia. Juntamente com a comunidade Chico Mendes e Nossa Senhora da Glória vêm resistindo às investidas do poder público de implantar um projeto habitacional na comunidade de forma verticalizada e autoritária.

Essas comunidades sofrem com o descaso dos órgãos públicos municipais, que ali empreendem apenas ações pontuais e emergenciais. A população na sua maioria sobrevive em condições habitacionais muito precárias, em becos; falta saneamento básico, não têm espaços públicos para o lazer, etc.. Além pobreza extrema, há uma incidência muito grande de dependência de drogas em geral, prostituição, exploração sexual infanto-juvenil, violência doméstica contra a criança/adolescente e/ou mulher, criança na rua, negligência, entre outras. É dentro dessa realidade agressiva e desumana que se gesta o cotidiano de muitas famílias e, onde se desenvolve e constrói a identidade de centenas de crianças, jovens e adolescentes.

Uma das características dessas comunidades é a baixa escolaridade ou nenhum contato com a escola. Isso gera entre outras conseqüências, pouca qualificação profissional. Além disso, não cumprem os critérios exigidos pelo mercado de trabalho, por isso há um grande número de desempregados na comunidade. Essa situação marca negativamente a expectativa de adolescentes e jovens com relação ao mercado de trabalho, pois não percebem uma perspectiva diferente da que seus familiares tiveram, ou seja, há uma grande desesperança de terem um futuro melhor. Além do que foi exposto, muitos trabalhadores

² Para aprofundar o tema ver LIMA, Eliete Maria, CUNHA, Gisele. **Homens e Mulheres Construindo o Caminho Para a Libertação**. (Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social), UFSC, 1992.

na hora de se candidatar a uma vaga no mercado de trabalho, sofrem um enorme preconceito por morarem naquela localidade.

Dentro do contexto caótico acima, surge em 1997 o Projeto Tecendo Vida, uma proposta de orientação e apoio sócio familiar, buscando responder algumas das demandas apresentadas pela comunidade, tendo como pressuposto possibilitar a melhoria e o bem-estar das famílias.

O Serviço Social atua mais diretamente através do projeto referido, assim abordaremos em seguida como se insere o Serviço Social na instituição.

3.3 O PROCESSO DE TRABALHO DO SERVIÇO SOCIAL NO CENTRO DE ATIVIDADES CHICO MENDES

O Serviço Social se insere no Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes, através do Projeto Tecendo Vida, tem como proposta de trabalho a orientação e apoio sócio-familiar tendo como foco famílias em situação de vulnerabilidade, sendo este o **objeto de trabalho** do Serviço Social.

IAMAMOTO (1997). sinaliza “o objeto de trabalho do Serviço Social é a questão social. É ela em suas “múltiplas expressões que provoca a necessidade de ação profissional junto à criança e ao adolescente, situações de violência”(…).

Segundo Iamamoto (1997) conhecer a realidade é conhecer o próprio objeto de trabalho, como já discurremos no item anterior. É nessa realidade onde as famílias estão inseridas, que pontuaremos especificamente as características das famílias que participam do Projeto Tecendo Vida.

As famílias que participam do projeto, na sua maioria, vieram em busca de uma “vida melhor”. Essas famílias encontram-se em situações de vulnerabilidade, dadas as condições sociais que vivem.

Concordamos com Miotto (1997), quando aponta que:

A família hoje pode ser vista como uma caixa de ressonância dos problemas e desafios deste final de século, que envolvem problemas de ordem ética, econômica, política e social. Nesse sentido, tem sido um espaço de conflitos, ao enfrentar cotidianamente situações extremamente contraditórias. (...)

O Projeto Tecendo Vida considerando a demanda emergente destas famílias, a partir de ações sócio educativas tem como **objetivo:**

Objetivo Geral:

- Desencadear processo sócio educativos com as famílias buscando a melhoria da qualidade de vida dessas famílias, tanto no nível das relações familiares, como no nível comunitário.

Objetivo Específico:

Proporcionar às famílias espaços de reflexão sobre as questões da convivência familiar e comunitária, possibilitando a proteção de crianças e adolescentes.

Incentivar, através da abordagem familiar (individual ou em grupo), a construção de relações de gênero e de gerações calcadas no diálogo e no respeito mútuo, considerando as diferentes condições de desenvolvimento humano.

Possibilitar meios para o desenvolvimento da auto-estima das famílias, buscando a valorização do indivíduo e do grupo familiar.

Criar mecanismos para que as famílias percebam-se como sujeitos de direitos e se capacitem para exercer sua cidadania no nível pessoal e comunitário.

Estabelecer um processo de reflexão acerca da violência doméstica, buscando a desnaturalização dessa prática.

Oportunizar espaços de convivência com casais e famílias jovens, visando a construção de histórias familiares diferentes das suas famílias de origem.

O Projeto Tecendo Vida desenvolve atividades com 2 grupos, são eles: Grupo Vivência e Grupo Esperança. Ambos os grupos são formados por famílias que encontram-se em situações de vulnerabilidade, dadas as condições sociais que vivem, no entanto tem características diferentes.

O Grupo Vivência é acompanhado desde o começo do projeto em 1997. Estas famílias foram indicadas pela própria comunidade, como sendo as famílias que

vivenciavam situações consideradas de vulnerabilidade social e pessoal. As ações se efetivam a nível sócio educativo, são famílias em que os adultos encontram-se na faixa dos 35 anos. São grupos familiares extensos que possuem na composição familiar uma média de 5 filhos, além destes moram parentes e/ou outras pessoas na mesma unidade familiar. Essas famílias têm filhos com idade média entre 0 a 20 anos. As crianças e a maioria dos adolescentes freqüentam a escola, porém grande parte dos jovens desistiram de estudar ou nunca estudaram, muitos deles já casaram uma ou várias vezes e constituíram novas famílias.

Algumas famílias têm membros adultos alcoolistas ou usando outras drogas. Em outras famílias são os filhos que têm problemas com drogas (muitos usam maconha, crack, cocaína, etc.). Além disso, muitas famílias não conseguem manter as crianças em casa, onde uma das conseqüências é que, quando chegam na adolescência começam a faltar na aula para ficar com a turma de amigos e acabam por desistirem de estudar e/ou se envolvendo com drogas. As meninas em sua maioria acabam engravidando ou se sujeitam a exploração infanto juvenil.

O Grupo Esperança é um grupo de casais jovens formado em 2001, onde o Serviço Social tem a ênfase centrada na prevenção às situações de risco social. É constituído por jovens casais, mães jovens, tem idade entre 14 a 22 anos, tem como característica estar começando uma nova família, com filhos com idade de 0 há 5 anos. Muitos destes casais estão esperando o primeiro filho, outras são gestantes que se separaram ou por motivos diversos não se uniram aos companheiros. Algumas mãezinhas com bebês com 9/10 meses de idade, já estão esperando outro filho com 7/8 meses de gestação.

O Serviço Social fundamenta sua metodologia de trabalho nas ações sócio educativas. Caracterizamos a ação sócio educativa, a partir do nível de atenção direta, como toda ação que se desenvolve através do conhecimento de informações com reflexão e discussão sobre situações e conteúdo que poderão levar a família a alterar seu comportamento e suas ações. Objetiva-se apresentar informações novas, conhecimentos novos e buscar junto com os participantes uma apropriação do conteúdo, onde de alguma forma se vá em direção ao crescimento pessoal e familiar. Nessa ação nosso movimento é de, aos poucos, irmos alterando com novas informações a ação da família, informações que

para ela são suficientes para desembocar em alterações no seu dia a dia. Assim a partir da reflexão realizada conjuntamente, as famílias (sujeitos), farão o processo e nós seremos os facilitadores na construção de sua história.

Dentro da ação sócio educativa temos a orientação, o apoio sócio assistencial e de integração de recursos, através de abordagem familiar grupal e individual.

Para a realização da ação sócio educativa são privilegiados os seguintes instrumentos de trabalho:

- Visita Domiciliar - é o momento de encontro do profissional (equipe) com a família, com a sua casa, seu jeito de ser. É a hora em que há a partilha, a troca de experiências, o momento da orientação e do apoio a família de forma muito próxima. Objetiva o fortalecimento dos vínculos familiares e destes com o projeto e realizar a intervenção sócio educativa propriamente dita.
- Entrevistas Familiares - acontecem de acordo com as demandas trazidas pelas famílias e se relacionam normalmente a situações-problemas que a família visa superar. Objetiva possibilitar condições à família para superação da situação-problema vivenciada.
- Reuniões com as Famílias - acontecem em forma de oficinas, sempre com muitas dinâmicas, as quais facilitam a comunicação, possibilitando que as informações (conhecimentos, experiências às vezes bem subjetivos), sejam objetivadas, ou seja, tornem-se claras e assimiladas a partir das diversas realidades familiares. Os temas são definidos a partir das demandas que o grupo apresenta.

Com relação ao apoio sócio assistencial e de integração de recursos, buscamos proporcionar as seguintes atividades:

Acessando Direitos – trata-se do trabalho de orientação e encaminhamento a rede pública de serviços e aos serviços sociais prestados por ONG's.

Auxílio emergencial – busca-se suprir as necessidades materiais fundamentais e emergenciais à sobrevivência humana.

Retornar - procura oportunizar o retorno a escola de crianças, adolescentes e adultos, bem como o acesso à meios de geração de renda (mercado formal, grupos de produção e/ou cooperativas, etc.).

O planejamento e a documentação das atividades são os instrumentos de apoio para executar as ações do Serviço Social. A avaliação e estudo das diversas situações familiares são realizados através de encontros periódicos da equipe do projeto. Esta é formada por assistentes sociais, educadores e estagiários do Serviço Social.

Infere-se a partir do exposto que ao buscar articular as diversas políticas sociais, objetivando promover o acesso às mesmas, a ênfase está na alteração das situações familiares vivenciadas. Quando a intervenção ocorre no nível sócio educativo pretende-se a alteração da vida familiar.

As ações sócio educativas desenvolvidas estão orientadas por três categorias cuja discussão consideramos fundamental para entender o contexto da intervenção no cotidiano das comunidades referidas. Além disso, possibilitam uma direção ao Serviço Social, um profissional comprometido com um projeto ético político. Estas são Famílias, Políticas Sociais e Direito e Cidadania.

3.4 FAMÍLIAS

O Serviço Social parte de uma matriz teórica, que possibilita a leitura da realidade da família levando em consideração seu contexto social, sua história e sua subjetividade pessoal.

O Serviço Social considera que a família é um fato cultural historicamente condicionado, ou seja, não é grupo natural, se constrói no dia a dia a partir das negociações estabelecidas nas relações familiares internas e nas relações de seus membros com o meio social mais amplo (MIOTO, 1997 p. 117).

Segundo MIOTO (1997, p. 117) durante o “processo de construção, a família pode se constituir no decorrer de sua vida, ou em alguns momentos dela, tanto num espaço de felicidade como num espaço de infelicidade. Tanto num espaço de desenvolvimento para si e para seus membros como num espaço de limitações e sofrimento.”

O Serviço Social observa ainda que :

(...) família como um sistema aberto”(…), “está em constante transformação a fim de adaptar-se às exigências originárias tanto do mundo interno(membros, sub-sistemas), como do mundo externo (outros sistemas), sem contudo perder sua integridade.(MIOTO,1998, p. 22).

O Projeto Tecendo Vida, entende que a família é o “*locus*” privilegiado da estruturação do sujeito, onde se gesta a socialização e construção da identidade, sendo também a família que faz a mediação entre o “público” e o “privado”.(MIOTTO, 1997).

Concordamos com Miotto que percebe a família como:

um lugar privilegiado de preservação da vida (...). É no contexto das relações familiares, cujo motor são os afetos(amor, ódio, inveja, gratidão), que a criança aprende a reconhecer-se como única (identidade), e como parte de um grupo (sentido de pertencer), sentido de nós”. (MIOTTO,1997)

Como já foi apresentado, as famílias estão caracterizadas em dois grupos diferentes de acordo com a fase do ciclo de vida em que estão. Sendo assim, temos famílias que estão iniciando o ciclo vital, com filhos em idade pré-escolar, denominadas por nós de famílias jovens ou casais adolescentes (Grupo Esperança). E famílias com uma convivência familiar mais prolongada, cujos filhos estão em fase escolar (Grupo Vivência).

A ampliação da clientela envolvida no projeto, é também fruto da realidade comunitária. Presenciamos um aumento das uniões entre jovens (adolescentes), que “casam-se”, normalmente em virtude de uma gravidez inesperada, ou porque é esta, muitas vezes, a única perspectiva de vida que possuem. São jovens, alguns adolescentes ainda, inexperientes, que não deixaram de ser filhos, e já têm de assumir a paternidade.

Analisamos ser importante conhecer mais profundamente estes casais e nos colocarmos a disposição, numa proposta de acompanhamento, apoio e orientação, para que sejam homens e mulheres (pais) felizes e transmitam segurança e afeto às crianças que estão gerando.

A família sendo um sistema aberto, tem um “ciclo vital”, ou seja, há um “curso de vida”. No seu ciclo vital a família no seu processo de evolução interna, ou seja, no desenvolvimento dos seus membros, passa por basicamente sete momentos expressivos. A forma como a família vivência esses momentos, repercute de maneira acentuada no processo da dinâmica familiar, pois estes causam desequilíbrios na relação familiar. É preciso para manter vivo o sistema, buscar o equilíbrio. Por outro lado na relação com o Supra-sistema, a família passa por outros momentos também importantes como desemprego, falta de políticas públicas na área da saúde e na área social. Os sete

momentos no seu ciclo vital são: casamento, nascimento do primeiro filho, idade escolar, adolescência, saída dos filhos de casa, ninho vazio e velhice. (MIOTO, 1998).

Diante disso o Serviço Social percebe que as políticas públicas devem atender a família de uma forma integral, ou seja, não tratar somente do indivíduo-problema, pois este segundo MIOTO (1997) é apenas um reflexo do todo. Está expressando um sintoma de desequilíbrio da família, por isso a intervenção deve ser dirigida a família toda, bem como o cuidado nas situações de estresse familiar (crises). (MIOTO, 199_).

O Serviço Social busca no seu cotidiano apreender quais são os papéis de gênero que estão introjetados nos comportamentos dos indivíduos, vale ressaltar que os papéis sexuais (gênero) de homem/mulher no imaginário das comunidades de periferia são aqueles que idealizados pela classe dominante, ou seja, dentro da moral burguesa. (FONSECA, 19_)

Papel de gênero da mulher: mãe, esposa, sensível, frágil, sensualidade, objeto de prazer, menstrua, dona de casa e piloto de fogão. (QUINTAS; 1986; FONSECA; 199_).

Papel de gênero do homem: provedor, pai, marido, amante, protetor, viril, garanhão, dominador, firme, responsável e racional. (QUINTAS; 1986; FONSECA; 199_).

As famílias nas comunidades de periferia têm no imaginário, ou seja, no plano de ideal estes papéis de gênero, no entanto na prática, no cotidiano, execução não é possível de ser concretizada. Isso acontece devido às dificuldades econômicas, financeiras e sociais dessas famílias. Essas dificuldades fazem com que o modelo seja adaptado a realidade das famílias. Há uma atualização constante do modelo hegemônico, de acordo com a situação e dinâmica familiar, mas no plano do ideal continua o mesmo, ou seja esses modelos hegemônicos em torno dos papéis de gênero, são produzidos e reproduzidos nas famílias de baixa renda, no nível muito mais simbólico, do que é ser homem/mulher. Entre outras conseqüências tentarão educar os filhos de acordo com o modelo hegemônico, o que por sua vez retroalimenta esse processo de uma classe que tem uma realidade muito diferente das suas e que, no entanto, direcionam seu lugar e visões de mundo, assim processa-se novamente a reprodução de sua exclusão social.. (QUINTAS; 1986; FONSECA; 199_).

Diante do que foi exposto, por um lado é extremamente relevante ao intervir em famílias em situações de vulnerabilidade, que o Serviço Social tenha clareza dessas questões de gênero, observar o que está nas entrelinhas, que se reflete no comportamento dessas famílias, o que isso significa. Por outro lado é fundamental que o profissional conheça e entenda quais políticas

públicas são dirigidas às famílias e como elas se refletem no cotidiano destas. Somente considerando em suas avaliações cotidianas o que foi apontado poderá ter resultados efetivos e criar possibilidades de alteração da realidade dessas famílias.

O Serviço Social ao usar todo esse arsenal teórico-metodológico busca apreender como as várias políticas públicas existentes perpassam sua intervenção e a influência direta dessas políticas na vida das famílias atendidas. Assim sendo, se faz de extrema relevância abordar a categoria Políticas Sociais.

3.5 POLÍTICAS SOCIAIS

Considerando também as mudanças que estão ocorrendo na sociedade em face da adoção dos ideais neoliberais por parte do Estado, tema já referendado no primeiro capítulo deste trabalho, o Serviço Social que busca articular as várias políticas, percebe que a sua intervenção nas famílias em situação de vulnerabilidade é fundamental, pois, além de haver uma ausência de políticas públicas que atendam às famílias na sua integralidade estamos caminhando para um enxugamento das mesmas. (IAMAMOTO; 1996; PEREIRA, 1997,).

Considerando a relevância da família na sociedade e os desafios com que se defronta no cumprimento do seu papel social, diante da política neoliberal realizada e imposta a população pelo Governo, que reduz os gastos com várias políticas públicas, principalmente as de cunho social, dificultando ainda mais o desempenho dessas famílias nessa realidade sem perspectivas, entende o Serviço Social a importância de trabalhar a família como um todo, suas relações com o Supra Sistemas e ao mesmo tempo fazer a ponte entre as políticas públicas e as famílias.

O Serviço Social se defronta no dia a dia com as diferentes políticas públicas dirigidas às famílias das comunidades atendidas. O que se constata cada vez mais, é que são fragmentadas, setorizadas, não tratam a família como um todo, atendendo suas demandas por partes. São dirigidas aos ditos indivíduos problemas, não considerando que a família é

uma unidade, onde uma parte interfere na outra, e sofre interferência do externo (sociedade) por isso deve ser tratada na sua integralidade para dar conta das suas demandas. (MIOTO, 1997 e 1998).

Diante dessa realidade o Serviço Social na sua intervenção busca uma articulação entre essas políticas e às famílias, ou seja, procura fazer a ponte entre as políticas e seus usuários. Assim possibilita que as famílias sejam atendidas de uma forma mais integral nas suas demandas.

A seguir far-se-á uma reflexão sobre algumas das políticas públicas que tecem o cotidiano das famílias atendidas.

Ao considerar as políticas de emprego praticadas pelo Governo, observamos que não são efetivas pois, por exemplo ao promoverem cursos através do SINE com os recursos do FAT, embora consigam uma boa qualificação profissional não dão condições (subsídios) para que haja continuidade do processo, para que o trabalhador se insira (fabricando e vendendo seu produto com a devida qualidade) e se mantenha no mercado de trabalho. (SIMIONI, 1997)

Dentre os programas de geração de emprego e renda adotados pelo Governo, temos o PROGER (Programa de Geração de Emprego e Renda) e o PLANFOR (Programa Nacional de Qualificação do Trabalhador).

O PROGER é uma linha de financiamento destinado ao o setor informal, criado para atender as pessoas de baixa renda, que precisam de um pouco de dinheiro para começar um negócio e/ou expandir sua micro-empresa, que pelos meios convencionais de financiamento não conseguem atender aos critérios estabelecidos pelas instituições financeiras. (SIMIONI, 1997, p. 5).

Apesar do financiamento ser destinado a pessoas que não têm muito acesso pelos meios convencionais, seja por causa do cadastro exigido, ou pelas altas taxas de juros do mercado, as instituições que atualmente administram essa linha de financiamento, o Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, BNDES e o Finep, estão emprestando o dinheiro como uma instituição financeira que tem por objetivo o máximo lucro e o mínimo de inadimplência, ou seja aplicando as mesma regras dos outros tipos de financiamentos, sem levar em conta para quem realmente se destina os recursos do PROGER. (CASTRO, 1997)

O PLANFOR (Programa Nacional de Qualificação do Trabalhador) tem como objetivo mobilizar e articular o trabalhador para atender os desafios atuais do mercado para modificar, assim:

Gradualmente toda a infra-estrutura de qualificação profissional existente no país, busca atender a grupos tradicionalmente que tem menos oportunidade, ou seja as parcelas vulneráveis, encontrando-se despreparados para os desafios do novo mundo do trabalho: desempregados, trabalhadores de empresas que passam por reestruturação produtiva, pequenos e micro-produtores e micro-empresários, do setor rural ou urbano e ainda destina-se jovens em busca do primeiro emprego. (SIMIONI, 1997. P. 30)

Observa-se na comunidade muitas pessoas que fizeram cursos de panificação, confeitaria, entre outros do SINE, (recursos do FAT) porém não conseguiram nenhum tipo de financiamento para aquisição de matéria prima (subsídio) para trabalharem de forma autônoma e/ou não conseguiram apesar de terem feito o curso emprego naquela área.

Como já foi apontado, há muito desemprego na comunidade, onde predomina o analfabetismo gerando entre outras conseqüências, falta de qualificação profissional dos homens e mulheres, ficando assim muito difícil essas pessoas conseguirem um emprego diante das novas exigências do mercado de trabalho.

É importante ressaltar que a maioria das famílias sobrevive de biscates. MENEGASSO (2000, p. 22) aponta que “as grandes cidades já estão convivendo com pessoas que procuram por conta própria garantir sua sobrevivência, principalmente os biscateiros (profissionais sem definição, que se adaptam a qualquer atividade)”.

Os homens em grande parte trabalham na construção civil, como pedreiro ou servente, porém, percebemos na comunidade que o nível de desemprego entre os homens é maior, não conseguindo emprego na construção civil buscam fazer “biscates” para conseguir algum dinheiro.

As ocupações profissionais das mulheres em grande parte estão ligadas aos serviços domésticos. São faxineiras, babás, domésticas, auxiliares de limpeza, entre outras. Percebe-se que as mulheres conseguem emprego mais facilmente do que os homens.

Há uma grande dificuldade para as mulheres que buscam ou conseguem emprego. Faltam creches na comunidade, principalmente há muita escassez de berçários.

Com relação às políticas de saúde, a Constituição Federal de 88 amplia o direito a saúde como um Direito Universal a todos que dele precisarem e para sua efetivação tenha criado o Sistema Único de Saúde, onde as políticas na área da saúde ganharam uma nova

dimensão, sendo assegurada a nível constitucional forma de controle na ampliação e qualidade dos serviços sociais de saúde prestados, sendo que esse controle é realizado através dos Conselhos de Direitos, nas três esferas do Estado. (NORONHA et al, 1995).

As políticas para a área da saúde consideram a partir de então que os processos de saúde/doença não são só biológicos, porem são determinados socialmente, ou seja, a saúde está ligada diretamente as condições sociais das pessoas.(idem).

“Dentro dessa concepção a saúde é um direito de todos e por conseqüência um dever do Estado e por isso suas políticas devem ser pensadas/discutidas por toda a sociedade”. (NORONHA, et al, 1995).

Mas o que vemos hoje é que apesar dessas inovações na concepção da saúde, o Estado pouco fez na promoção dessa saúde universal para todos. Faltam postos de saúde, faltam profissionais diversos, faltam vagas nos leitos dos hospitais, faltam atendimentos especializados, não há remédios nas entidades de saúde que atendam as verdadeiras necessidades da população.

A política de saúde empreendida pelo Posto de Saúde comunitário reflete o que apontamos acima. Há somente um Posto de Saúde para atender o Bairro Monte Cristo, são mais de sete comunidades de periferia, segundo os funcionários do posto de saúde a população atendida passa de 20 mil pessoas, onde além de ter um minúsculo espaço físico, faltam atendentes e médicos, há carência de remédios, até mesmo os remédios básicos que deveriam estar disponíveis à população.

Constatamos na comunidade que são muito os programas e projetos dentro das políticas de atenção à criança e ao adolescente, que interferem no dia a dia da comunidade. Estes têm como pressupostos básicos o Estatuto da Criança e do Adolescente, onde se enfatiza que a criança tem prioridade absoluta de cuidados do poder público. (ECA, 1989).

Esses programas e projetos carecem de efetividade. Pela nossa experiência dentro das comunidades afirmamos que são as políticas que mais tratam de forma fragmentária a família, pois a atenção volta-se somente para a criança como, por exemplo, o programa Hora de Comer da Prefeitura de Florianópolis destinado as crianças com desnutrição. Todo mês vê-se as famílias formarem aquela fila enorme, com seus carrinhos de mão, a espera da equipe da prefeitura, para a entrega das cestas básicas para as crianças desnutridas. Para

pois a atenção volta-se somente para a criança como, por exemplo, o programa Hora de Comer da Prefeitura de Florianópolis destinado as crianças com desnutrição. Todo mês vê-se as famílias formarem aquela fila enorme, com seus carrinhos de mão, a espera da equipe da prefeitura, para a entrega das cestas básicas para as crianças desnutridas. Para a criança desnutrida sem dúvida a cesta básica é necessária, porém muitas vezes os pais não conseguiram trabalho sendo essa a causa da desnutrição dos filhos. Dentro desse programa não se busca encaminhar e qualificar os pais para conseguirem emprego e/ou investigam-se as diferentes causas que estão contidas no fato de a criança apresentar desnutrição.

O PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) é outro programa que constatamos que não está atendendo seu objetivo. O que observamos é que as famílias que participam do PETI continuam na mesma condição, ou seja, seus filhos continuam trabalhando na rua, em grande parte dos casos como pedintes e/ou catadores de materiais recicláveis, ou seja ainda são os filhos que mantêm a família.

Existem várias ONG's inseridas nas comunidades, que têm parcerias com a prefeitura e trabalham nessa área de proteção a criança e ao adolescente. São creches e locais onde as crianças em idade escolar ficam meio período, onde para participar deve estar estudando no outro, como exemplos temos a Casa da Cidadania, Lar Fabiano, Centro Espirita fé Esperança em Cristo, no entanto em nenhuma delas há um atividade voltada para o atendimento também da família.

Cabe salientar que a violência, nas suas diferentes nuances, é naturalizada, percebemos isso no comportamento das crianças que participam do Projeto Esperança. São 80 crianças, que interagem entre si de uma forma agressiva. Mostram-se extremamente carentes de carinho e precisam de muito afeto.

A partir do contexto que foi descrito com relação à forma como as políticas públicas são executadas e ressaltando a ineficiência na alteração da realidade de seus usuários, o Serviço Social intervém na articulação dessas políticas, buscando possibilitar ampliar o acesso às mesmas, bem como articular as diversas políticas no sentido de viabilizar a alteração da situação vivenciada.

Como fechamento deste capítulo não poderíamos deixar de apresentar o nosso olhar a propósito da categoria Direito e Cidadania.

3.6 DIREITO E CIDADANIA

Como a construção da cidadania acontece no decorrer do tempo, observamos que, atualmente ela engloba as três gerações dos Direitos do Homem. Estes por sua vez foram conquistados no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX.

Direitos Civis > 1ª geração, século XVIII: são chamados direitos negativos, pois se caracterizam como direitos estabelecidos contra o Estado. A luta foi empreendida pelo interesse a propriedade privada, ou seja, assegurar a propriedade aos detentores dos meios de produção. BARBALET, 1989; BOBBIO, 199_).

Segundo Bobbio (citado por BEDIN, 1997), são “todos aqueles direitos que tendem a limitar o poder do Estado e a reservar para o indivíduo, ou para os grupos particulares, uma esfera de liberdade em relação ao estado”.

Os Direitos Que Compõe A Primeira Geração São:

- Direito A Propriedade Privada;
- Os Direitos Da Pessoa Acusada;
- As Liberdades Físicas;
- As Liberdades De Expressão;
- A Liberdade De Consciência;
- As Garantias Dos Direitos.

Direitos Políticos > 2ª geração, século XIX: se caracteriza pela conquista da participação política através do voto e também o direito de fiscalizar a Administração Pública. Época de muitas greves e manifestações dos trabalhadores, cujo objetivo de fundo foi consolidar a ordem vigente, legitimar os representante do poder. BARBALET, 1989; BEDIN, 1997).

Segundo Andrade (1993), essa geração de direitos se “processou na esteira das potencialidades democráticas da cidadania civil, ou seja, na esteira dos direitos civis”.

Os principais direitos Políticos se compõe de:

- 1) Direito Ao Sufrágio Universal;
- 2) Direito De Constituir Partidos Políticos;
- 3) Direito De Plebiscito, De Referendo E De Iniciativa Popular.

Direitos Sociais > 3ª geração, século XX: os intitulados direitos de créditos, onde o estado é visto como devedor dos indivíduos, principalmente dos trabalhadores e marginalizados. Para consolidação destes direitos, houve uma maior luta da população do que com relação aos direitos das gerações anteriores. (BARBALET, 1989; BEDIN, 1997).

Englobam os direitos considerados fundamentais a sobrevivência humana: saúde, alimentação, lazer, trabalho, educação, entre outros. (*Ibidem*).

Devemos lembrar que os direitos podem ser observados por dois eixos. O primeiro é da Acepção Formal do Direito, ou seja, é o que está na lei. O segundo é a partir da Acepção Material, é a efetivação do direito. Isto posto, infere-se que cabe a sociedade lutar para que o que está na lei seja concretizado, ou seja, com relação a acepção material não existe um movimento por parte da sociedade de legitimar realmente a cidadania para todas as pessoas. (BARBALET, 1989).

Somos todos cidadãos, em tese perante a lei, porém a sociedade se divide aos pares. Somente ao igual a mim legitimo seu direito a cidadania e/ ou seu dever. Não vemos o outro que tem diferenças de condições um igual a mim. (ANDRADE, 1993).

O Serviço Social entende que somente a partir da democracia ancorada na participação popular, conseguiremos a emancipação dos indivíduos como sujeitos da sua história, possibilitando assim a efetivação da cidadania para todos.

Cabe ressaltar que democracia não é sinônimo de consenso, por isso é necessária a luta por equidade (igualdade de direitos perante os direitos) e igualdade de condições com respeito às diferenças. (ANDRADE, 1993; BARBALET, 1989)

O Serviço Social considerando a situação de miserabilidade e abandono que se encontram as famílias da comunidade onde está inserido, compreende que essas famílias estão destituídas de todos estes 3 níveis de direitos.

Os direitos civis não são respeitados no que diz respeito, por exemplo, às liberdades físicas, que engloba o direito a inviolabilidade de domicilio. Muitas vezes as autoridades públicas entram em suas casas a hora que querem. Outro direito que a toda hora é desrespeitado é o direito a segurança individual, que se refere a oposição a qualquer forma de atentado a integridade física, moral e a tortura de qualquer espécie. Nas comunidades a violência impera. Violência nas suas mais diferentes faces (contra adultos,

desrespeitado é o direito a segurança individual, que se refere a oposição a qualquer forma de atentado a integridade física, moral e a tortura de qualquer espécie. Nas comunidades a violência impera. Violência nas suas mais diferentes faces (contra adultos, crianças, adolescentes, jovens, idosos). *Violência entre uns com os outros, mas principalmente das autoridades policiais, que deveriam preservar esse direito.*

Os direitos políticos que se caracterizam, principalmente, pelo direito de escolher seus representantes através do voto, deveriam ter como pressuposto consciência política por parte dos indivíduos, porém não é o que acontece. Há falta de condições de tudo que é essencial para uma vida digna, por isso estão dispostos a entregar seu voto àquelas pessoas que proporcionem, mesmo que de uma forma emergencial, algum benefício material, acreditando ou não que serão ótimos representantes, enquanto estes usam de uma forma paternalista essas trocas.

Os direitos sociais que se compõem dos direitos básicos às necessidades humanas não são efetivamente contemplados. Essas famílias não têm acesso ao direito de ter um trabalho, logo, vivem de biscates e de auxílios de entidades diferentes. Auxílios materiais como a cesta básica, por exemplo, que não suprem as necessidades alimentícias da família, por isso há muita fome.

O direito a saúde é escasso, quando conseguem fazer consulta médica, na maioria das vezes não há o remédio indicado e/ou dependendo do exame o SUS (Sistema Único de Saúde) não paga. Por exemplo: biópsias, alguns tipos de ultra-som, agulhamentos pré cirúrgicos, entre outros.

Tendo em conta esses apontamentos infere-se que o Serviço Social deve trabalhar na conscientização da sociedade com relação a cidadania, objetivando que passem a perceber que o texto da lei na constituição de certa forma busca mascarar as desigualdades e as injustiças sociais que vigem na sociedade, assim possibilitando que as pessoas ampliem sua visão e alterem seu comportamento.

Tendo como chão a complementaridade dessas formas de ver e pensar os sujeitos sociais e o contexto em que vivem, cabe agora apresentar o nosso trabalho em movimento, ou seja, *como ele acontece.*

“(…) Não é possível refazer este país, democratiza-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.
Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.
Se a nossa opção é progressista, se estamos à favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, enganando a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meu filhos e filhas à serem sérios, justos, amorosos da vida e dos outros.”

Paulo Freire

Capítulo III

O PROCESSO DE TRABALHO EM MOVIMENTO

4.1 A ABORDAGEM DAS FAMÍLIAS

A abordagem das famílias é realizada a partir das ações sócio educativas, além das categorias já referidas, na forma de compreender o contexto social e intervir nas famílias. Estas ações também se referenciam na educação emancipatória pautada em autores como Paulo Freire, Frei Betto, Leonardo Boff entre outros, casada com a contribuição sobre processo de trabalho de autores como Merhy, Yamamoto, Costa. Como fica claro, todas têm como pano de fundo a visão de indivíduo como um sujeito histórico, que não está aparte dos acontecimentos, tendo um papel ativo no processo, onde nada está pronto e acabado. A construção é conjunta, então há um contínuo processo democrático, onde a cidadania é uma categoria que perpassa todas as atividades.

Considerando que a abordagem grupal é extremamente relevante diante da proposta de trabalho do Serviço Social, pautada nas ações sócio educativas, já referenciadas no decorrer deste trabalho, neste capítulo vamos conhecer essa experiência.

O trabalho realizado tem como característica o fato de ocorrer diretamente no meio comunitário, o que possibilita a aproximação das famílias. Isto por que a ONG está sediada na própria comunidade. Outra característica é pautar suas ações na educação popular, construindo seu processo de intervenção com as pessoas e a partir da realidade e das necessidades vivenciadas como sujeitos históricos. Então é o Serviço Social que busca o fortalecimento das relações da família entre si e delas com o a entidade.

Cabe enfatizar que percebemos que somos um estranho (agente externo), mas que, no entanto nosso trabalho é bem aceito e que atua dentro das famílias, dentro da sua construção do dia a dia, onde realiza um processo de trabalho vivo, que vai se fazendo no cotidiano, onde então existe a possibilidade de observarmos os resultados objetivos e subjetivos das nossas ações (MEHRY, 1997).

A abordagem grupal acontece em dois momentos, nas visitas domiciliares e nas reuniões mensais.

4.2 A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO GRUPAL

Num primeiro momento buscamos através das visitas domiciliares o fortalecimento do vínculo da família com o Projeto. É o momento da aproximação e também de prestar a orientação e o apoio sócio familiar, na medida que vamos participando do seu dia a dia.

As visitas domiciliares são o momento de entrar em contato com suas casas e o jeitos de ser das famílias, de partilhar as dificuldades do cotidiano. Assim vamos estabelecendo o diálogo, com relação a vida familiar, descobrimos sobre suas dificuldades e se houve algum acontecimento que chamou a atenção e quer nos contar. Tudo de forma descontraída, buscando intervir na medida que a família apresenta sua demanda, como, por exemplo, explicando como faz para ter acesso a determinado serviço público, em que dia está programado um evento importante para a família, porque é importante ir ao posto de saúde, como chegar a uma instituição (localização, ônibus, onde descer), e falar com quem. Fazemos os encaminhamentos, verbais/ escritos e/ou por contato telefônico, possíveis para promover o acesso a um programa ou a um direito.

Durante a orientação e o apoio há troca de experiências, gerando assim uma ação e/ou uma reflexão sobre as possibilidades. A partir das informações apontadas, busca-se que a família mesmo no decorrer do diálogo encontre as possibilidades de resolver uma situação. Além disso, a partir dessas visitas percebemos quais são as demandas comuns às famílias e que podem ser trabalhadas de forma coletiva.

As reuniões com as famílias do Grupo Vivência são mensais. Trata-se de um grupo fechado, sem prazo determinado para acabar. As reuniões levam em torno de 1 hora à 1:30h e participam uma média de 19 famílias. Ao final servimos um lanche preparado pela equipe.

Com relação ao Grupo Vivência, que participa desde 1997, não há adesão dos pais como participantes das reuniões. Vêm as mães e os filhos. Durante a reunião as crianças ficam fazendo atividades numa outra sala. Há programação de encontros onde as crianças participam do grande grupo.

O Grupo Esperança, foi formado em 2001, é um grupo aberto, sem prazo para acabar. Os encontros são quinzenais e duram também em torno de 1 hora a 1:30 h, participam em média 15 famílias e ao final preparamos um lanche. Neste grupo a ênfase é a prevenção às situações de risco social e pessoal. Estamos conseguindo ter a adesão dos homens nos encontros. Isso é muito importante para o desenvolvimento dos objetivos do grupo.

Dentro dos encontros fazemos a orientação, o apoio sócio familiar e as mediações na medida que vão surgindo os conflitos durante a oficina.

Os temas são desenvolvidos a partir dos objetivos de cada grupo e também partir da demanda que os grupo trazem ou que percebemos no cotidiano durante as visitas domiciliares. Há ainda uma nova proposta de direção do grupo, onde trabalhamos um tema contínuo na medida que vemos a aceitação e os resultados.

As informações são trazidas na maioria pelo grupo, que compartilham as experiências. Essa troca é sempre dirigida para a reflexão pelo Serviço Social, agora com mais informação, ou seja, a uma contínua construção do conhecimento. As informações não vêm prontas. No final há uma sintetização do serviço social das informações buscando possibilitar a cada um refletir a seu modo.

Acreditamos que essa construção conjunta é imprescindível, essa troca de experiências, esse escutar o outro é a base da ação sócio educativa. Paulo Freire(1996) esclarece:

(...) Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar,

aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele (...)

Usamos sempre técnicas de dinâmica de grupo, pois constatamos que elas conseguem fazer com que as informações (conhecimentos, experiências às vezes bem subjetivos), sejam objetivadas. Assim há a participação e conseqüentemente o aproveitamento do grupo.

Os encontros com o grupo são um dos momentos mais importantes para a equipe, ocasião em que as famílias demonstram a relevância daquele espaço grupal, onde trocam experiência sobre sua vida diária, suas visões de mundo, compartilham suas alegrias e tristezas, onde procuram e dão apoio as outras famílias, onde são sujeitos da sua história.

Relataremos abaixo a dinâmica, construção e vivência do referidos grupos. Para tanto apresentaremos algumas ilustrações das reuniões que fizemos durante experiência no estágio com o Grupo Vivência e Grupo Esperança. Cabe ressaltar que usamos para relatar as falas as iniciais dos nomes dos participantes

4.3 VIVENDO E AVALIANDO O GRUPO VIVÊNCIA

Vamos relatar abaixo “cases” que facilitam o entendimento da nossa experiência com os grupos:

ILUSTRAÇÃO I

Na primeira reunião do ano de 2001, propusemos uma dinâmica de retomada do grupo depois das férias de final de ano. Fizemos uma atividade, que tinha como objetivo saber: Como estava a Família, e Quais as Mudanças Houve nas suas Famílias, nesse tempo que o grupo não se reuniu (final de 2000 até março de 2001). Para tanto solicitamos que as famílias desenhassem ou escrevessem numa folha como estava sua família e se houveram mudanças. Em seguida cada uma iria colar seu desenho na parede e falar do seu desenho para o grupo.

F, desenhou uma flor e balas, falou que a flor é alegria, que a casa fica mais animada e que a bala é para adoçar a vida.

S.A, desenhou uma casa, símbolos da páscoa, galinha, cesta de ovos, que queria ter ainda todas essas coisas.

N, desenhou a casa que conseguiu, pois queria muito, falou que adorava as reuniões e queria que viesse o serviço (cooperativa).

S, falou que estava feliz porque conseguiu a creche e ela e seu marido estão trabalhando. Feliz que teve a reunião e triste porque uma das irmãs não conseguiu uma casa.

J, desenhou família, bichinhos, falando que a família aumentou, tudo está bem e o marido esta trabalhando, disse ainda que era bom estar de volta.

V, está contente com o emprego, e por estar de volta no grupo, que com relação a família esta tudo se encaminhando.

C, falou que ela e o marido estão se dando bem.

N.A, desenhou planta e uma casa, falou que está feliz por estar de volta.

D. Z, disse que está desempregada, que a família cresceu, mas, não ajudam.

M.L, desenhou a natureza, televisão, disse que a natureza é muito bonita e que a família esta bem.

V.N, falou que na família é elas mais três irmãs, que não está contente porque uma que tem 3 filhos não ganhou casa.

D.R, desenhou casa que vai ganhar, chuva e flor, pediu bastante chuva e disse que gostou da reunião.

P.T, desenhou sua casa e sua família (marido e filha).

D. I., desenhou uma casa, com muitos bichos, todos rindo constataram que era sim um sítio, também desenhou uma flor.

I.L, falou da sua casa que está com problema de esgoto, disse que está com duas filhas grávidas e tem ainda várias crianças em casa.

Avaliação da reunião:

O grupo reagiu de diferentes formas, alguns desenharam realmente como estavam sua família, outros colocaram no papel seu sonho familiar, ainda houve pessoas que colocaram símbolos como flor, planta, etc., representando como quer que sua família viva no cotidiano.

Enfim ficou bem marcado que o desenho é uma forma de colocar o indivíduo muito próximo de si mesmo. Quer dizer naquele momento deixaram aflorar seu lado subjetivo, os sentimentos mais profundos são apontados, onde o que foi solicitado, é sobreposto, fica em segundo plano e o ser coloca aquilo que o seu coração que mostrar, seja uma angústia, sonho, realidade cotidiana, onde a objetividade é ofuscada pela subjetividade.

Com o objetivo de integrar os filhos no grupo, quem sabe poderíamos preparar uma Dinâmica, onde pudessem participar mães e filhos, trabalhando a auto estima e o afeto, fortalecendo os vínculos afetivos familiares, usando desenhos, palavras, música e junto a isso abraços e beijos.

ILUSTRAÇÃO II

Nesta reunião começamos expondo a proposta para o grupo de abordarmos o assunto do cuidados com os filhos, tema que começaria nessa reunião e que continuaria nas próximas, tendo como objetivo possibilitar a participação dos filhos em alguns encontros.

A proposta foi bem aceita pelo grupo, ficaram muito entusiasmados com relação ao tema e com a possibilidade dos filhos participarem de algumas reuniões.

Em seguida propusemos uma dinâmica onde cada um desenharia seus filhos, colocando o nome e a idade deles, depois nós fixaríamos os desenhos no quadro negro, onde iriam mostrar seu desenho e apresentar seus filhos para o grupo.

Durante a dinâmica, apontamos que o objetivo era de que todos nós conhecêssemos melhor cada família. Quantos filhos cada um tem e a idade deles, isso se faz fundamental diante de uma nova direção proposta para o grupo.

O grupo resistiu no começo, mas depois apresentou, a exceção foi a I.T. não quis de jeito nenhum ir à frente apresentar.

A cada apresentação dos filhos, o grupo fazia comentários como:

_ “Você tem 8 filhos? Nossa, quantos anos você tem?”

_ “Tenho oito filhos mais os sobrinhos que estou criando.”

_ ”Ela passou alguém, quem tem mais?”

No decorrer da dinâmica perguntamos se o grupo tinha conhecimento sobre tamanho e a idade dos filhos das colegas de grupo, mostrando uma certa surpresa demonstraram com palavras e/ou gestos que não, assim mais uma vez, foi colocado a importância de nos conhecermos melhor.

Algumas mulheres colocaram que não corriam o risco de ter outros filhos, pois haviam feito laqueadura. Outras contaram que logo que tiveram o último filho, solicitaram para fazer a laqueadura, mas o médico não quis fazer. Ainda outras colocaram que o médico chegou a dar o encaminhamento para fazerem depois, mas não conseguiram, assim houve uma grande troca de experiências.

Trouxemos ao conhecimento do grupo que hoje em dia o procedimento não é mais realizado em seguida do parto, somente depois.

Com relação ao planejamento familiar, constatamos que muitas já fizeram laqueadura e outras tinham interesses em fazer.

M J diz que não fez, o seu marido de tanta cachaça já não funciona mais, a cachaça matou quase todos os espermatozoides (risos). Falou ainda que quer costurar tudo, ficará só um lugar para urinar. Todos riram muito e fizeram outros comentários relacionados a isso.

M J, contou ainda que a sua filha J.T. (também participa do grupo) já fez laqueadura, e que ela incentivou, pois já tinha três filhos. Falou que a filha estava bem, feliz e sem ter perigo de ter mais filhos. J.T. ouvia a mãe e concordava.

Foi colocado que se o grupo tem interesse, podemos entrar em contato com as instituições de saúde que auxiliam no planejamento familiar, como a Carmela Dutra, Hospital Universitário, Hospital Regional de São José, com o objetivo de fazerem a laqueadura, pois a maioria das mulheres do grupo já tem a quantidade de filhos e a idade dentro dos padrões brasileiros (5 filhos, mais de 30 anos), então já estão dentro dos critérios necessários para fazerem a cirurgia de laqueadura.

Colocamos que havíamos programado de realizar outra dinâmica, porém a atividade era um pouco demorada, deixaríamos para outro dia, pois começamos o encontro bem depois do horário, devido à falta de água na comunidade. Encerramos em seguida a reunião.

I.T, já durante a confecção dos desenhos estava triste e nervosa, desenhou somente bolas para representar seus filhos, contou que desde que seu filho de 18 anos sumiu, não gosta de falar sobre filhos, contou que teve um filho que morreu na praia e que depois disso esse filho que desapareceu ficou com problemas mentais e de vez em quando sumia, a última vez não apareceu mais, que no ano passado no dias das mães havia aparecido e que este ano não, estava preocupada, por isso não tinha vontade de desenhar. Falou ainda que a polícia havia conseguido achá-lo algumas vezes, mas na última vez não conseguiu. Sentimos que ao desabafar sua angústia pelo filho estar perdido, ficou mais calma.

Avaliação do encontro:

Neste dia havia, mais uma vez, faltado água na comunidade. Problemas como a falta e água e o esgoto são comuns á toda a cidade, porém aqui nas comunidades que atendemos a situação está alarmante. Muitas pessoas não possuem caixa d'água, por isso quando falta água na rua, ficam às vezes até o dia inteiro sem água. Outras pessoas têm caixa d'água, mas por sua vez o jato de água chega tão fraco que não consegue subir para caixa d'água.

O Serviço Social constatou a partir de um levantamento da composição familiar que a média de filhos nas famílias do grupo é de 5/6, a maioria das mulheres tem filhos muito pequenos, em algumas famílias a composição familiar vai da idade de 0 a 20 anos de idade, com a idade dos pais entre 35/45 anos. Isso que dizer que para chegar numa composição familiar assim, significa que os métodos contraceptivos usados no postos de saúde e sendo passando as informações nos pré natais em todas as gravidezes, não foram efetivos, ou seja, independente do método que foram orientadas não quiseram ou conseguiram seguir as orientações.

Nos estudos de Claudia Fonseca em comunidades de periferia de Porto Alegre, foi constatado que muitas mulheres não usaram os métodos pela questão religiosa. “Filho vem porque Deus quer assim”. Outras por que achavam que o método contraceptivo fariam de alguma forma mal para si, seja diminuindo o apetite sexual ou trazendo algum tipo de doenças.

O Serviço Social amparado na experiência na comunidade, levanta outro fator que pode ter levado essa mulheres a não tomarem ou não seguirem as orientações recomendadas. Podemos até mesmo juntar (aliar) aos fatores apontados por Claudia Fonseca .

Considerando que não existe uma rotina diária em suas vidas, quer dizer, as pessoas na sua maioria não têm empregos fixos, os homens trabalham fazendo biscates e as mulheres de atividades domésticas, uma hora têm o que comer noutras não. Às vezes tem água e luz, noutras devido à instabilidade financeira ficam sem água e luz. Ou seja, vão vivendo. Nada é fixo em suas vidas. Não há uma organização a partir de si mesmo, pois, a instabilidade é a rotina do seu dia a dia. As famílias vão se organizando de acordo com os acontecimentos externos.

Infere-se que para seguir essa rotina a organização tem de ser primeiro interna, para conseguir depois organizar o externo, isso só é possível a partir do momento que se vejam como sujeitos, pessoas que tem um certo domínio de seu dia a dia e de sua vida. Infelizmente o contrário do que acontece em suas vidas, pois além de todas as injunções que acontecem nos seus cotidianos levam essas pessoas a toda hora mudar seus planos e suas atividades de uma hora para outra, buscando se adaptar aos acontecimentos.

Como na sociedade quase todos têm necessidade de formar uma família e ser pai e mãe. Todas de uma forma geral anseiam pela experiência da maternidade e da paternidade. Essa forma de afetividade esta presente nas relações. Eles também têm esse ideal no imaginário, pela sua não condição de sujeitos não se perguntam se terão condições para sustentarem seus filhos, estes filhos vão nascendo, não consideram os problemas de mais uma gestação, não problematizam o significado de ser pai e mãe, agem como adultos infantilizados.

reflexão, , assim poderão decidir conscientemente ter ou não filhos. Conhecendo os métodos e tendo condições de se organizarem em torno de uma rotina diária, para que assim possam na sua dinâmica familiar, optar por um método que preferirem.

ILUSTRAÇÃO III

Essa reunião foi em um dia muito frio e chuvoso. Recepcionamos o grupo, agradecemos a presença de todas e salientamos que eram mulheres corajosas de saírem de casa com aquele frio.

Começamos relembando as colocações do encontro passado, sobre a nova proposta de trabalho, tendo como tema central o cuidado com os filhos, e que neste dia iríamos continuar a trocar experiências.

Retomamos a dinâmica da reunião anterior, onde desenharam seus filhos e colocaram o nome e a idade, e assim pudemos nos conhecer melhor. Em seguida apresentamos as dinâmicas daquela noite, que consistiam em buscar nas revistas figuras que representassem o cuidado com os filhos. Iríamos em seguida apresentar para o grande grupo. Depois em duplas discutiríamos porquê cuidam, procurando nas revistas uma palavra que se representa o porquê do cuidado.

Algumas mulheres que não vieram na reunião passada, combinamos que elas iriam primeiro desenhar seus filhos, colocando o nome e a idade e depois realizariam a outra dinâmica.

O grupo estava sentado em volta de uma grande mesa. Distribuímos todo o material organizado para a dinâmica. Enquanto iam realizando a dinâmica algumas mulheres conversavam, outras ficaram em silêncio.

Durante a realização do evento N.M, falou que adorava dar de mamar e pegar no colo. Essa era a fase que mais gostava. Aproveitamos para perguntar se estava esperando mais um filho: disse que sim, ressaltando que a culpa era do médico, pois achou que ela já estava na menopausa e suspendeu o contraceptivo que tomava.

Todas com descontração e ânimo fizeram comentários do fato de estar grávida, colocando que ela queria formar um time de futebol, pois esse era o décimo terceiro filho. N.M, falou que ia levar para o médico cuidar!

Na hora da apresentação, colocamos que primeiro iríamos conhecer o desenho dos filhos de N.M, . M.L. e D.V, em seguida começaríamos a apresentar a dinâmica de como cuidam de seus filhos.

As mulheres estavam empolgadas e não paravam de conversar, chamávamos suas atenção para os desenhos de uma forma descontraída “meninas vamos conhecer os filhos de M. L, “olhem que desenhos lindos!”.

M.L. não sabe ler e escrever, então colocamos para ela o nome e a idade de seus filhos. Na hora de apresentar disse que não ia saber apontar no desenho quem era quem, as mulheres falavam de sua experiência no encontro passado, colocando “não precisa seguir a ordem do desenho”, vai falando de cor o nome deles”, assim . M.L. ficou mais animada e tentou mostrar no desenho cada um dos filhos. No final descobriu que havia esquecido de desenhar o filho mais novo D.A, todos acharam graça e riram bastante.

D. V, apresentou seus 3 filhos.

N. M desenhou os filhos naturais e os de criação, filhos de uma irmã que faleceu, mostrando sua responsabilidade também para com os filhos do coração.

O grupo fez questão de apontar quem tinha mais filhos, e chegaram a conclusão que era N.M. .

Seguimos para a apresentação.

N.M. – Começou apontado uma figura de uma mulher grávida, falando que os cuidados começam na barriga, que a mulher tem que se cuidar. Mostrou desenhos de crianças brincando e disse que gosta brincar com eles e vê-los brincando entre si, e também gosta de amamentar.

M.L. – Colocou gravuras de crianças todas juntas, e enfatizou que gosta de seus filhos sempre reunidos em volta de si e brincando alegres.

Z.N. – Colou figuras de crianças brincando e carinhos como beijos e abraços, dizendo que isso era muito importante, que dava um beijo na filha toda noite antes de dormir. Destacou também que ensinar os filhos era importante.

M.T. – mostrou uma figura de uma mulher amamentando e disse que era necessário dar de mamar para os filhos crescerem saudáveis.. Outra figura era sobre estar junto com o filho, colocou que era importante a participação do pai e da mãe.

V.R.– Colou figuras que referenciavam os estudos, apontou a participação dos pais nos estudos dos filhos, e colou também figuras de brincadeiras, ressaltando que são importantes.

N.M. – Colocou que um dos cuidados dos pais é ajudar os filhos a fazerem os deveres da escola e outro é com relação a higiene, não esquecendo de mandar os filhos lavarem as mãos antes de se alimentarem.

C.D. – As figuras mostravam a relevância de brincar com os filhos, da alimentação, dos estudos e de dormirem no horário certo.

I.T – colou figuras de mãe dando carinho para o filho, falou que as vezes precisam de um tapinha, falou que deve-se cuidar da saúde e precisam brincar bastante.

D.R.– Colocou figuras que mostravam crianças alegres, outra sobre a importância de comerem bem e de brincarem.

S.N. – Apresentou figuras sobre carinho e a necessidade de colo e de alimentação para os filhos.

F.R – Mostrou figuras com relação a amamentação, o cuidado nos deveres da escola e escreveu um parágrafo sobre fazer o papel de mãe.

J.L – Colou figuras onde mostravam mãe e filho conversando e a importância dos filhos brincarem e dialogarem entre si. Leu um parágrafo que escreveu sobre a importância de sempre conversar para solucionar as dificuldades.

Nesse momento todos bateram palmas, e elogiaram J.L. pelo que escreveu e por não ter reclamado ainda. F.R ficou reclamando que não batemos palmas para ela, combinamos de bater depois.

S.L – apresentou figuras de pessoas reunidas, falando que ela e os filhos estavam sempre reunidos mas sem o marido, outra figura era com frutas e mais uma com brincadeiras, falou que as frutas eram muito importantes e que as brincadeiras também.

A próxima dinâmica foi fazer duplas para conversar sobre o porque cuidam dos filhos, em seguida achar uma palavra enfatizando isso.

E.T achou melhor só conversar sobre o tema, considerando que fizeram duplas muitas mulheres que não tem alfabetização.

As duplas conversaram uns cinco minutos e depois seguimos para a apresentação.

I.T. começou colocando que o cuidado é obrigação de mãe, “se não for a gente é quem que vai cuidar?”- Somos os responsáveis, enfatizando que “filho não se governa”, dando o exemplo que de manhã acorda seus filhos para ir a escola e não decidem se vão ou não, tem que ir. Ainda disse que os pais não devem bater e sim dialogar com o filho, dar conselhos, perceber quando estão tristes e tentar conversar.

Apontaram a importância de ensinar e mostrar o que é certo para os filhos e de buscar o companheirismo. Disseram que é preciso conversar, ter amizade com os filhos.

Colocaram também que cuidam porque querem o melhor para o filho e os pais devem cuidar porque amam seus filhos. Falaram que os pais devem dar os limites, devem dialogar com os filhos, que a educação deve estar em primeiro lugar.

Foram apontados outros cuidados como dar conselhos, levar ao médico, o companheirismo, incentivar a ir para escola, dar carinho.

A equipe enfatizou todos os apontamentos, principalmente de I.T., colocando que I.T. conseguiu resumir bem o papel dos pais à necessidade de impor limites, de mostrar até onde os filhos podem ir, apontando a importância da colocarem os estudos sempre em primeiro lugar. Colocando que tanto o “não” quanto o “sim” deve ser bem redondo, que os pais tem de ter firmeza com relação aos filhos, que isso passa segurança para eles, os filhos precisam muito disso, principalmente no mundo de hoje. Apontando ainda que as crianças mesmo depois de grande precisam de carinho e de atenção. Ainda comentando as falas de I.T., colocamos que os pais precisam compreender os filhos e dar sempre palavras na hora que precisam. Sinalizamos que como mães que querem o melhor para o filho, precisam fazer o que acreditam ser o melhor para seu futuro, como no caso incentivar os filhos a estudar, mesmo que eles não gostem.

Falamos que não adianta bater, os pais devem buscar diferentes maneiras de lidar com os filhos, bater não resolve o problema e que os filhos acabam ficando mais teimosos.

J.L. deu um exemplo para reafirmar a colocação. Falou que seu filho R.A. estava com mania de dormir no sofá da sala, ela disse que não era para dormir, quando chegou

noite R.A., ficou assistindo à televisão e adormeceu no sofá, J.L. então levantou e tirando as cobertas de cima deles falou para o filho ir para cama, este obedeceu. Noutro dia logo que pôde conversou com ele, explicando porque devia dormir na cama, o filho passou toda noite a ir dormir própria cama sem precisar mandar ou brigar com ele. Colocou que desde que passou a conversar com os filhos, a relação com os filhos melhorou bastante.

Evidenciamos as falas de Z.N, que disse durante a realização da dinâmica que precisam ensinar de tudo para os filhos, até comer. Ressaltamos que era bem isso, que em casa os pais deviam estar sempre nos ensinando, desde limpar uma louça, cuidar das roupas, arrumar um quarto, que quando não aprendemos em casa, teremos de aprender na rua, às vezes de maneira sofrida.

Ressaltamos que às vezes não aprendemos e/ou tivemos alguns cuidados e que por isso às vezes não sabemos cuidar, que o encontro era o momento de trocarmos experiências, porque queremos sempre o melhor para nosso filho.

Para fechamento procuramos fazer uma avaliação da reunião, perguntamos se gostaram.

Algumas pessoas disseram que adoraram, outras que gostaram muito, outras ainda *fizeram movimentos concordando*.

Alguns participantes lembraram da palmas da F.R. sugerimos então, que como fechamento da reunião déssemos uma salva de palmas para F.R. mas, principalmente para si mesmos, pois como mães estavam buscando sempre o melhor para seus filhos, mereciam. O grupo muito entusiasmado levantou-se e bateram palmas, com muita alegria e animação. Em seguida encerramos a reunião.

Avaliação da reunião:

O Serviço Social, com essa nova proposta de direção do grupo, que consiste em começar por debater e trocar experiências com relação aos cuidados com os filhos, pretende buscar a possibilidade de vir a ter a participação dos filhos em alguns encontros. Momento onde podemos trabalhar com mais efetividade a questão do fortalecimento e dos vínculos familiares.

O grupo tem respondido de uma forma bastante satisfatória, o que oportunizará fazer alguns encontros juntando às famílias antes do final do ano, época em que estávamos prevenindo acontecer.

Durante as apresentações o Serviço Social atuou buscando fortalecer um clima de atenção, respeito e valorização de todas as falas e posições, ao mesmo tempo promoveu a interação e a descontração do grupo.

Pode-se afirmar que as dinâmicas atingiram os objetivos propostos que consistiam em apresentar como cuidam de seus filhos e porquê cuidam de uma forma a efetivar realmente uma socialização dos cuidados e ao mesmo tempo chamar a atenção para essa necessidade.

O Serviço Social pôde observar conforme iam colocando sua maneira de ver esse cuidado que algumas mulheres demonstravam surpresa pelo tipos de cuidados apresentados e o porquê desses cuidados. Como estamos sempre buscando fortalecer os vínculos das famílias com o Serviço Social, fazemos muitas visitas domiciliares e através delas sabemos como algumas mães de certa forma deixam, os filhos muito soltos, sem limites ou não valorizando o carinho e afeto na relação.

Durante as apresentações percebemos que existia uma grande diferenças entre os comportamentos, aquelas que identificavam suas forma de cuidar dos filhos agiam concordando e ressaltando certos cuidados como fundamentais. As outras que não identificavam por não valorizarem tais cuidados ou não terem claros a responsabilidade na educação dos filhos, prestavam muita atenção nas colocações e pareciam refletir um pouco sobre elas, demonstravam no seu olhar uma certa surpresa com os depoimentos, não faziam movimentos de concordância, ouviam atenciosamente todo o grupo.

A maioria mostrou que tem clareza dos limites que devem ser colocados desde pequenos, do afeto que é imprescindível nas relações familiares entre pais e filhos. Outro fator relevante é o certo consenso de não viver batendo e brigando com os filhos e sim tentar o diálogo.

O Serviço Social constatou que o grupo tem consenso, de uma forma geral na apresentação do cuidado diário com os filhos e do porquê desse cuidado, assim apresentam pontos muito importantes que o Serviço Social tem como fundamental para a saúde da família, o desenvolvimento familiar e a para o fortalecimento das relações

familiares, criando e sustentando uma base para que essas famílias possam atender algumas de suas demandas

O Serviço Social que atua dentro de uma perspectiva de intervenção sócio educativa, ao apostar nessa nova direção de trabalho com as famílias, pelas respostas que tem recebido, conseguirá de forma mais efetiva fazer com que o grupo se veja como sujeito histórico, que no cotidiano está gestando seu futuro por isso vale a pena lutar e buscar decidir seus caminhos. Por outro lado, a longo prazo fortalece suas relações com a comunidade, levando a perceber que suas ações interagem e podem se unir para lutar por melhorias coletivas, ampliando assim a cidadania coletiva.

Diante disso ressaltamos o papel do Serviço Social que tem uma função social fundamental para efetivação dessas transformações e como diz Padre Wilson Groh³ a comunidade de periferia está sempre grávida, tendo por base a solidariedade e o acolhimento.

“O mundo dos pobres é um mundo grávido de possibilidades de transformação”, cabendo ao Serviço Social viabilizar essa gestação de transformação de suas realidades para uma vida mais digna e cidadã.

4.4 VIVENDO E AVALIANDO O GRUPO ESPERANÇA

O Grupo Esperança está caminhando na construção de sua identidade, por isso existe uma grande timidez durante os encontros.

Nas nossas visitas domiciliares, percebemos que já existe um vínculo em fortalecimento por parte dos participantes. Mostram-se a vontade e quando propomos responder ao questionário sobre o perfil do grupo, aceitam com entusiasmo. É muito

³ Palestra de abertura do encontro Experiências em Cena II, promovido em 2001, pelo NESSOP (Núcleo Estudos do Serviço Social em Organizações Populares)

interessante a forma como respondem. Demonstram que não haviam ainda parado para lembrar sua infância, a relação com seus pais, o lugar onde nasceram, o significado enfim dos acontecimentos na sua vida hoje, observa-se a busca de reelaboração do passado, um novo jeito de se olhar e olhar os sujeitos que fizeram parte de sua vida.

Com relação às reuniões iremos apontar algumas experiências com este grupo.

ILUSTRAÇÃO I

Esta foi a primeira reunião com Grupo Esperança. Acolhemos o grupo, apontando a importância do encontro. E.T colocou que “É uma nova história”, mas que nasce de outra que já vem sendo vivida com outro grupo, que são seus pais, mães, avós, etc.

Em seguida fizemos a dinâmica da teia com o barbante, onde um segura uma ponta do barbante e vai passando de um para o outro.

Os participantes estavam bastante tímidos e não quiseram falar sobre dinâmica.

Discorremos sobre o significado da teia e também a relação dela com o projeto Tecendo Vida, onde o grupo pode se ajudar ao trocar experiências.

Apresentamos um cartaz os Direitos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), perguntando então para o grupo, quais eram as principais dificuldades com relação a criação dos filhos.

S.G, um dos participantes do grupo, apontou que a dificuldade acontece na medida que as crianças vão crescendo, várias pessoas do grupo concordaram com ele.

Perguntamos sobre o que esperavam do Projeto. Algumas pessoas disseram que gostariam de aprender, mas não colocaram o que, outras falaram que gostariam de conhecer alguns Direitos, como os Direitos da mulher, criança, etc.

Solicitamos o consentimento para as visitas domiciliares e para aplicação de um questionário, todos concordaram.

Avaliação do grupo:

Nesta primeira reunião, os jovens casais estavam muito tímidos. Com o tempo conforme vão se conhecendo irão criar uma identidade de grupo, com laços de amizade e companheirismo.

Chamou nossa atenção o fato de que os presentes não vêem a educação dos filhos desde pequenos como algo que devem se preocupar desde o início, e também não demonstraram ter preocupações com relação as dificuldades sócio econômicas durante o desenvolvimento dos filhos. Não problematizam a criação dos filhos quando pequenos, achando que os problemas só aparecem na medida que vão crescendo, por causa das drogas. Não conseguem perceber que deve ser no cotidiano que os pais devem trabalhar a prevenção as drogas.

Outro ponto que marcou essa reunião foi que a educação, o lazer, a violência doméstica, dificuldades de alimentação, vestuário e moradia, não são percebidos como algo que deve ser levado em consideração pelos pais, para que consigam efetivamente proteger e garantir um desenvolvimento sadio da criança.

Apostamos que o caminho é as ações sócio educativas. Elas nos possibilitarão apoiar e orientar o grupo na reflexão sobre o seu papel durante o desenvolvimento dos filhos, o que é ser pai e mãe, bem como as peculiaridades de cada fase do desenvolvimento da criança. Começaremos a partir da gestação. Auxiliaremos no questionamento da forma como aprenderam a educar os filhos, o que vem a ser violência doméstica, buscando por outro lado fortalecer os vínculos afetivos, o dar e receber carinhos e a importância dos pais estabelecerem limites para os filhos desde pequenos.

ILUSTRAÇÃO II

Começamos esta reunião com uma alegre recepção, em seguida apontamos que o objetivo do encontro era continuarmos trocando informações sobre o desenvolvimento infantil e naquele dia iríamos ter a participação das agentes de saúde do Posto de Saúde local, para nos falar sobre a amamentação, qual a sua importância e alguns cuidados que as mães devem saber. Participaram dessa reunião mais ou menos 20 pessoas.

Solicitamos então a apresentação de todos os participantes, o grupo estava bem animado.

As agentes de Saúde distribuíram vários prospectos sobre o tema e também sobre o método contraceptivo DIU.

Entre outras informações colocaram que o leite materno age como uma vacina e que não existe leite fraco.

Apontaram que a mãe precisa ter muitos cuidados com a mama durante a gestação. Aproveitaram para perguntar sobre os métodos contraceptivos do grupo, colocando que os comprimidos de uso depois do nascimento do bebê funcionam somente por alguns meses.

Orientamos que isso acontece porque àqueles comprimidos fazem a contracepção enquanto o bebê só mama no peito, não tomam leite de vaca, chás ou papinhas. Por isso muitas mulheres desconhecendo essas informações, engravidam tomando esse tipo de contraceptivo.

M.L., agente de saúde, falou sobre método contraceptivo DIU, entregando um prospecto com suas vantagens e desvantagens.

J.S demonstrou interesse sobre o método, perguntou como funcionava.

M.L. explicou que como se coloca o DIU, que o material usado no posto é cobre, que ele funciona impedindo a passagem do esperma.

E.N. falou que uma parente, usou DIU e depois teve um problema no útero, isso pode ter sido provocado pelo DIU.

As agentes de saúde, enfatizaram, que para colocar o DIU são realizados vários exames e, depois a mulher realizava exames pelo menos uma vez por ano, para saber se estava no lugar e se estava tudo bem. Apontou que o DIU tem validade, o que pode ter acontecido é que não foi feito o exame depois da colocação do DIU, deixando passar muito tempo depois da validade dentro do organismo. Aproveitou para lembrar da importância do preventivo que teve ser feito uma vez por ano, e em alguns casos a cada seis meses, quem sabe esse problema foi por falta de fazer um preventivo e não pela colocação do DIU.

S.G falou que a qualidade do DIU do posto é discutível, “que não era bom”, questionou também as vantagens e desvantagem do método. Olhando no prospecto, chamou a atenção de todos para as desvantagens, lendo que nem todas as mulheres podiam usar.

As agentes de saúde perguntaram se o grupo queria tirar alguma dúvida com relação a amamentação ou sobre o DIU.

J.A , colocou que não estava mais amamentando porque sua mama rachou, agora já era tarde, se tivesse sabido dessas informações antes não teria sofrido tanto! Com relação

ao leite materno colocou que teve gêmeos e que o seu leite não estava sustentando pois, os filhos estavam perdendo peso, então seu leite era fraco. As agentes colocaram que não era leite fraco.

Lembramos a importância de que quando a mãe precisa trabalhar fora, não precisa deixar de amamentar, pode armazenar o leite e quando for a hora do bebê mamar, poderá ser aquecido.

As agentes de saúde, explicaram como deve ser o armazenamento. Lembrando da importância das mães doarem o leite materno para os hospitais, onde tem fundamental importância para os recém nascido e para os prematuros.

Solicitamos que cada participante falasse de sua experiência com relação à amamentação. Antes porém, as agentes quiseram ressaltar que amamentar previne o câncer mama e de útero e também colocaram que o leite materno ajuda a prevenir a desnutrição, apontando que vários estudos mostram que crianças que foram amamentadas por vários meses com leite materno estão menos predispostas as diferentes doenças e que o grau de desnutrição é menor nessas crianças.

Nesse momento SG bastante exaltado, colocou que não era assim não, que seu filho não tinha ficado desnutrido por causa de ter mamado por pouco tempo leite materno. A.N deu mamã para W.L só por alguns dias e que seu filho teve desnutrição por outro motivo.

A equipe entrevistou colocando que nem todos os casos de desnutrição eram por falta de leite materno, que o que a agente de saúde estavam colocando é que vários estudos foram feitos e foram constatadas que as crianças que eram amamentadas com leite materno estavam menos aptas a terem desnutrição, no entanto cada caso é um caso.

O grupo em seguida apresentou suas experiências:

G.S e AL, a mãe colocou que a filha mamou até os oito meses, depois resolveu desmamar a pequena.

A.Z disse que A.T, mamou só dois meses, a mama não tinha um bico bem formado.

V.L ficou com vergonha, não quis falar.

E.N tem uma menina e onze meses e mama no peito, não quer saber de largar.

CD e CN, não tem filhos

J.S está dando mama no peito e leite de vaca na mamadeira.

A equipe pontuou então a relevância dessa troca de experiência, destacamos algumas informações com relação a amamentação e os cuidados com a mama e ainda da importância do leite materno.

Agradecemos as agentes de saúde pela participação. Estas colocaram que sempre estarão disponíveis para vir partilhar com o grupo informações e esclarecimentos.

Avaliação do encontro:

Nesse encontro o Serviço Social buscou uma relação interdisciplinar com profissionais da área da saúde para tratar do tema a amamentação. Constatamos que existe muita desinformação e credices a respeito da importância do leite e dos cuidados na gestação e durante a amamentação, levando muitas mulheres a parar de amamentar ou darem mamadeiras com diferentes líquidos, fazendo com que o bebê não queira mais o peito, todos produtos da falta de clareza nas informações e pautada nos conhecimentos populares, como a minha mãe fez e deu certo, agora também vou fazer.

Com relação a questão do método contraceptivo DIU, apresentaram muitas dúvidas e demonstram uma grande curiosidade sobre a forma de ação contraceptiva.

Nessa reunião o grupo estava mais solto para se expressar e colocar seus pontos de vista, falta ainda uma maior integração do grupo, porém acreditamos que Serviço Social está no caminho certo.

Considerando que a mediação faz parte da intervenção profissional do Serviço Social, perpassando todos os nossos encontros com as famílias e/ou as visitas domiciliares. Durante a exaltação de SG., que fez com uma grande tensão reinasse no ambiente, momento em que a equipe interviu reinstalando o clima de descontração no grupo.

ILUSTRAÇÃO III

Neste encontro o objetivo é trabalhar o desenvolvimento infantil de 0 a 1 ano de idade, como forma de objetivar a troca de experiência resolvemos trabalhar com argila.

Solicitamos que pais e mães representassem na argila, quais são as emoções e sentimento que estão presentes nessa fase e qual é a função dos pais.

Durante a dinâmica pareciam crianças brincando, mostravam gostar e ter prazer em fazer as reapresentações com a massa.

Não queriam mais parar montar peças, depois durante a apresentação, cada um apresentou seus trabalhos:

SG, fez com barro uma criança engatinhando, uma televisão e os pais, colocando que a criança precisa da ajuda dos pais para se desenvolver, precisa também do conforto e do carinho da família.

A.E fez uma mãe com uma criança no colo, falando que durante essa fase os filhos precisam de muito cuidado e carinho.

E.D. moldou com o barro uma bola, um bebê numa cama, disse que as crianças precisam brincar desde o começo e precisam do cuidado da família.

Com base nas falas, ressaltamos o papel dos pais nessa fase do desenvolvimento infantil. Para a equipe o resultado foi muito satisfatório, pois percebemos que conseguimos possibilitar um olhar para si, uma reflexão em torno de sua família.

Percebemos que o conjunto montando montado ia além das palavras. No final fizeram questão de guardar seus bonecos e peças com cuidado para não quebrar.

Consideramos que a evasão da participação dos casais jovens nessa reunião, se deveu ao fato de que na semana que antecedeu esta reunião, não nos foi possível fazermos visitas domiciliares, podendo somente no dia entregar os convites rapidamente. Assim pudemos então avaliar o quão é importante esse contato mais próximo com a família, principalmente porque este grupo está começando este ano e não existe ainda entre seus membros laços de amizade enquanto grupo, o sentido de pertencer a um grupo, estão em processo de construção de uma identidade grupal.

Com base nessas ilustrações e apontamentos da experiência do encontro com os grupos, podemos avaliar que o Serviço Social ao realizar seu processo de trabalho partindo dos pressupostos teóricos que descrevemos durante este trabalho, com ênfase na ação sócio educativa, consegue atingir seus objetivos, qual seja oportunizar a reflexão para que haja uma alteração comportamental.

Considerando que o processo de trabalho é inerentemente teleológico, se concretiza através de produtos e/ou resultados da realização do processo de trabalho. Por isso avaliamos que o processo de trabalho do Serviço Social tem tanto um resultado objetivo, quanto subjetivo.

Os resultados observados mediante as ações sócio educativas são observadas durante as reuniões onde visualizamos a reflexão a partir da troca de experiências.

Consideramos extremamente relevante o instrumento de trabalho visita domiciliar no andamento dos grupos, bem como da proposta do Projeto Tecendo Vida.

É através da visita que constatamos que estamos tendo resultado, quando passamos na rua e nos chamam para perguntar quando vai ter a reunião ou para dizer porque não foram e querem saber como foi a reunião. Constatamos também através delas que estamos tendo resultado quando fazemos visita domiciliar e no final a pessoa nos agradece por ouvirmos suas questões e pedem que voltemos outro dia.

Nas visitas temos a possibilidade de orientarmos uma família a buscar um recurso nos órgãos públicos, alterar seu comportamento depois de um diálogo reflexivo e /ou objetivar a saída, solução, de um problema relacional familiar, partir do que contam, ou seja ao falar sobre o que estão passando eles reelaboram a forma como vêem a questão e apontar as soluções.

O Grupo Esperança que começou em 2001, percebemos que estamos tendo resultados na medida que vêm e participam das reuniões com entusiasmo, ou então quando não comparecem quando fazemos a visita domiciliar mostram-se curiosos do que foi discutido, levantado.

Ao avaliarmos o processo de trabalho do Serviço Social na instituição, infere-se que efetiva suas ações sócio educativas partindo da ótica do trabalho vivo, uma das formas de abordagem já referenciada. O profissional tem consciência de que o processo de trabalho vai se instituindo no decorrer do processo, onde os usuários são partícipes e que por isso deve estar sempre aberto o caminho para terem vez e voz, pois há uma influência direta entre a equipe e o grupo, constrói suas ações junto às famílias.

Como conclusão deste capítulo, inferimos que a abordagem grupal, juntamente a todas as outras ações desempenhadas pelos profissionais de Serviço Social, tem firmado espaços para presença efetiva deste profissional no trabalho junto as famílias,

especialmente ao realizar ações de cunho sócio educativas, que estão vinculadas a reflexão, ao esclarecimento, visão de integralidade da família e a busca de concretizar a prática de direitos e ampliação da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Serviço Social na sua trajetória vem ampliando e superando os equívocos que por muito tempo marcaram sua atuação na sociedade, quais sejam a visão focalista da realidade e da busca de adaptação do indivíduo a sociedade.

O movimento de Reconceituação vem romper com a forma tradicional de intervenção, partindo do pressuposto da totalidade e, assim olhando o sujeito inserido numa estrutura social. Dentro dessa perspectiva abre caminhos para novas discussões e alteração da postura profissional, bem como da formação acadêmica.

O profissional começa a se perceber como um profissional especializado, onde tem um papel decisivo na produção e reprodução da força de trabalho na sociedade, bem como na preservação da vida de vários segmentos populacionais.

Considerando essa nova visão de seu papel na sociedade e levando em conta a reestruturação do mundo do trabalho, com o avanço dos ideais neoliberais, percebe que é necessário marcar espaços e apreender as novas exigências para, com competência, atender às demandas e necessidades sociais. Isto posto, compreende a relevância de buscar pensar a sua prática profissional a partir do processo de trabalho.

A consciência sobre seu Processo de Trabalho, por ser teleológico, ou seja, tem uma finalidade ao projetar as ações, garante uma capacidade maior de atingir seus objetivos, bem como de avaliar seus resultados. Possibilita também partir do embasamento teórico que escolheu avaliar suas ações e alterar rotas.

Buscando efetivar um trabalho vivo, ao realizar seu processo de trabalho toma as Ações Sócio Educativas como um norte, percebendo que através deste caminho concretizará seus objetivos profissionais e sociais.

O Serviço Social tendo como objeto de trabalho famílias em situação de vulnerabilidade, busca olhar a família na sua integralidade, levando em conta a influência das políticas social na vida destas famílias, bem como esta estruturada a questão do direito e cidadania nesta realidade.

Consideramos os instrumentos de trabalho (visitas domiciliares e as reuniões), como meios privilegiados onde todo processo de trabalho se plenifica, pois, é um momento dinâmico, onde o que foi planejado, pensado, acontece.

Este trabalho contribuiu para que a partir do que está sendo discutido com relação ao processo de trabalho, atualmente, conseguíssemos sistematizá-lo de uma forma concreta, apontado os resultados subjetivos e objetivos que são visualizados no cotidiano.

Esperamos ter contribuído para uma melhor compreensão da relevância da organização do processo de trabalho, considerando que viabiliza a efetivação dos resultados do trabalho.

Consideramos que quando as ações sócio educativas estão na base do processo de trabalho, elas permitem, realmente, que muito sonhos dos profissionais de Serviço Social, sejam concretizados através deste caminho.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Vera Regina P. de . “**Cidadania do Direito aos Direitos Humanos**”. São Paulo: Acadêmica, 1993.

ARCOVERDE, Ana C. B. “**Questão Social no Brasil e Serviço Social**”. In. Reprodução Social, Trabalho e Serviço Social – Capacitação em Serviço Social e Política Social, Módulo II: CFESS/ABEPS/SEAD. UnB.1999

BAPTISTA, Myrian Veras. **Planejamento Social**: intencionalidade e instrumentação. São Paulo: Veras Editora, 2000.

BARBALLET, J.M. “**A Cidadania**”. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

BARROCO, Maria Lucia . “**Considerações sobre o código de ética dos Assistentes Sociais**” In: Serviço Social e Ética: convite a uma nova práxis- Dilsea A. Bonetti (org.) [Et Al] – 3ª Edição – São Paulo: Cortez, 2000.

BEDIN, Antonio G. “**Os Direitos do Homem e o Neoliberalismo**”. Ijuí.- RS: Editora . Unijuí, 1997.

BOBBIO, Norberto “**A era dos Direitos**”. Rio de Janeiro: Editora Campus, 199_).

CARDOSO, Isabel C, FRANCISCO, Elaine M., **O Processo de Trabalho do Serviço Social**. In. Cadernos da Faculdade de Serviço Social da UERG, n.º 06, 1995.

CASTRO, Delúbio S.de, MACEDO, Bernardo G. **O FAT e a Ação Sindical**. RS: Neiva Alves, 1997.

O FAT e o Sistema Público de Emprego: A Visão dos Trabalhadores. In: Revista Proposta, n. 74, setembro-novembro de 1997.

COSTA, Maria Dalva Horacio da. **“Os Serviços na Contemporaneidade: notas sobre o trabalho nos serviços”**. In. A nova fábrica de consensos. São Paulo: Cortez, 1998.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Lei 8.069 de 13 de julho de 1990.

FALEIROS, Vicente de P. **“Serviço Social: questões presentes para o futuro”**. São Paulo: Cortez, 199_.

FONSECA, Cláudia. **“Cavalo Amarrado Também Pasta’: considerações sobre a honra, a reciprocidade e a percepção do tempo na relação conjugal de um grupo popular na região sul”**. Mimeogr. (199_)

FREIRE, Paulo. **“Pedagogia Da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GRANEMANN, Sara. **“Processo De Trabalho E Serviço Social”**. In. Capacitação em Serviço Social e Política Social, Módulo I: CFESS/ABEPS/SEAD. UnB.199_.

GUERRA, Yolanda. **Instrumentalidade do Processo de Trabalho e Serviço Social**. In. Serviço Social & Sociedade, n.º 62. São Paulo: Cortez, 2000.

IAMAMOTO, Marilda Vilella. **“O Serviço Social na Contemporaneidade: dimensões históricas, teóricas e ético – políticas”**. In: Coleção Debate (CRESS 3ª Região). Nº 6. Fortaleza. Expressão Gráfica e Editora, dez, 1997.

_____. **“Renovação e Conservadorismo no Serviço Social – 4ª Edição – São Paulo: Cortez, 1997.**

JUNQUEIRA, Helena. I. **“O Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina”**. In. Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1980.

LESBAUPIN, Ivo et al. **Para entender a conjuntura atual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 199_

LIMA, Eliete Maria, CUNHA, Gisele. **“Homens e Mulheres Construindo o Caminho Para a Libertação”**. (Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social), UFSC, 1992.

MARTINELLI, Maria L. **“Serviço Social: identidade e alienação”**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **“O Serviço Social na Transição para o Próximo Milênio: desafios e perspectivas”**. In.: Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, 199_.

MEHRY, Emerson Elias. **“Em busca da qualidade dos serviços de saúde: os serviços de porta aberta para a saúde e o modelo tecno-assitencial em defesa da vida(ou como aproveitar os ruídos do cotidiano dos serviços de saúde e colegiadamente reorganizar o processo de trabalho na busca da qualidade das ações de saúde”**. In: Inventando a Mudança na Saúde. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **“Em Busca do Tempo Perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde . In. Merhy , E. E. E. E e Onocko R. (org.) Praxis en Salud**. São Paulo/Buenos Aires. Hucitec/Lugar Editorial, 1997.

MENEGASSO, Maria Éster. **“As organizações e o Serviço Social: um aversão preliminar”**. Florianópolis, USFC-CSE/DSS, 1999, (texto digitado).

_____. **As Teorias Administrativas: uma síntese.** Florianópolis, UFSC-DSS, 1999, (Texto Digitado).

_____. **O Trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica.** In: Revista de Negócios, Blumenau: Editora da FURB, 2000.

MIOTO, Regina Célia Tamasso. **“Família e Saúde Mental: contribuições para reflexões sobre processos familiares”.** In: Revista Katálysis, n.º 02. Florianópolis 1998

_____. **“Curso: Famílias Hoje: O Começo da Conversa...”.** In: Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, v.8 n.2, p.211-219, maio/ago. 1999.

_____. **“Família e Serviço Social: contribuições para o debate”.** In: Serviço Social & Sociedade. São Paulo, Cortez 1997.

_____. **“Cuidados Dirigidos À Família E Segmentos Sociais Vulneráveis”.** Florianópolis, USFC-CSE/DSS.(texto digitado), 19__.

NETTO, Jose P. Et al **“ Reformulação do Código de Ética: Pressupostos Históricos, Teóricos e Políticos.** In: Serviço Social e Ética: convite a uma nova práxis- Dilsea A. Bonetti (org.) [Et Al] – 3ª Edição – São Paulo: Cortez, 2000.

NORONHA, J.C.e LEVCOVITZ, E. **“AIS-SUDS-SUS: os caminhos do direito à saúde”.** In: Saúde e Sociedade no Brasil – anos 80. GUIMARRÃES, R. e TAVARES, R. (ORG.) Rio de Janeiro: Delume Dumará/ABRASCO. 1995

PAZ, Rosangela D. O. da, **“As Organizações Não Governamentais e o Trabalho do Assistente Social”.**In. Capacitação em Serviço Social e Política Social, Módulo I: CFESS/ABEPS/SEAD. UnB.199_

PEREIRA, Potyara. “**A Assistência Social na Conjuntura Nacional**”. In: Serviço Social & Sociedade. São Paulo: Cortez, 1996.

QUINTAS, Fátima. “**A Auto-Imagem Sexual Feminina**”. In: Sexo e marginalidade: um estudo sobre a sexualidade feminina em camadas de Baixa renda. RJ: Vozes, 1986. Cap. IV.

ROSAL, Claudía P. “**Do Serviço Social de Grupo ao Grupo em Serviço Social**”. (Trabalho de Conclusão de Curso). UFSC, 1997.

SIMIONATTO, Ivete. “**Serviço Social e Processo de Trabalho**”. In: Curso formação Profissiona: um Projeto de Atualização. Caderno de Texto. (CRESS-SC 12ª região) Caderno de Texto nº 3 Módulo I, Florianópolis, 1998.

SIMIONI, Sergio Luiz Jr. “**FAT CUT – RS**”. In: Cartilha Coletivo de Políticas de Emprego da CUT – RS. Fenaj, 1997.

VENZON, Marli. “**Prática Profissional**” Florianópolis, USFC-CSE/DSS, 199_, (texto digitado).